PLACAR

SCORE Editora
ED. 1501 JULHO 2023 R$ 15,00
7 893614 112756

ESPECIAL PREMIER LEAGUE

A INVASÃO BRASILEIRA E O ESPETACULAR CITY DE GUARDIOLA

CASEMIRO NÃO ESTÁ PARA BRINCADEIRA. CONSAGRADO NO REAL, ELE JÁ CONQUISTOU A TORCIDA INGLESA COM SEU ESPÍRITO DE LUTA E TEM UMA OBSESSÃO: REERGUER O UNITED E A SELEÇÃO

LÍDER À MODA ANTIGA

GUIA DA COPA DO MUNDO FEMININA

TABELA COMPLETA

AS FAVORITAS

O BRASIL RENOVADO

AS GRANDES CRAQUES DA HISTÓRIA

Debinha, atacante do Kansas City

O LADO #BRASUCA
NO MUNDIAL FEMININO

BRABEZA

QUE INSPIRA.

INÊS249

UMA EDIÇÃO ESPECIALÍSSIMA

Parece inacreditável, preconceituoso e misógino – mas foi assim a história. A primeira Copa do Mundo de futebol feminino aconteceu apenas em 1991, outro dia mesmo, e a Fifa nem teve coragem de dar esse nome ao torneio, que foi batizado com uma marca de chocolate. Os homens já tinham disputado catorze mundiais quando a elas foi dado o direito de uma disputa de quilate internacional. O Brasil de Pelé já era tricampeão do mundo. Haverá sempre algum incômodo relativismo, "porque os humores eram outros, a sociedade era outra, o machismo imperava etc. etc." – nós mesmos, de PLACAR, fomos dar a primeira capa da revista exclusivamente dedicada a mulheres em 2019, com uma foto da rainha Marta. Mas não pode ser assim, o jogo tem de mudar.

Há, por óbvio, muito caminho a andar, mas a dimensão da Copa da Austrália e Nova Zelândia, a maior de todas – para a qual PLACAR dedica um guia feito com esmero, que pode ser visto a partir da página 34 –, é motivo de alegria. Falta muito para chegarmos a um ponto de igualdade – no futebol, claro, mas em todos os setores da sociedade –, e por isso mesmo qualquer bom passo precisa ser celebrado. Louve-se, portanto, a coragem da zagueira americana Brandi Chastain em 1999, na final contra a China, no Rose Bowl de Pasadena, ao lado de Los Angeles. No derradeiro chute da disputa de pênaltis, depois de a bola estufar as redes, ela tirou a camisa e deixou-se fotografar, eufórica, com o top à mostra, no avesso dos padrões "femininos" até então aceitos. A imagem rodou o mundo, estampou as capas de jornais, foi um grito de liberdade que mal começava e que ainda pede passagem. "Sempre vai ter alguém dizendo: 'Por que você fez isso? É desrespeitoso'. Mas eu fico grata por esses comentários porque eles me deram espaço para falar sobre tudo que o futebol me deu", disse em entrevista à BBC

GETTYIMAGES

PLACAR
Marta
Por que ela é a melhor de todos os tempos
Dossiê do futebol
FEMININO
Edição especial traz raio X da modalidade no Brasil e no mundo e mostra as perspectivas

O gesto de Brandi Chastain ao tirar a camisa na final da Copa do Mundo de 1999: a coragem de quem abriu portas e janelas, atalho para iluminar personagens como Marta, capa de PLACAR apenas em 2019

CAPA: ALEXANDRE BATTIBUGLI (CASEMIRO) THAIS MAGALHÃES/CBF (DEBINHA)

em 2014. PLACAR convida as leitoras (e os leitores, é claro) a seguir a Copa com a revista em mãos.

* * *

Como cereja do bolo desta edição especialíssima, destacamos um outro belo conjunto de reportagens, com entrevistas exclusivas – um passeio minucioso e inédito pela Premier League conduzido por Casemiro, o extraordinário volante do Manchester United. O editor Luiz Castro e o repórter fotográfico Alexandre Battibugli passaram uma semana na Inglaterra. Rodaram 600 quilômetros, preferencialmente de trem. Foram aos estádios do Fulham, do Chelsea e do campeoníssimo City de Pep Guardiola. “Há uma notável coincidência no discurso dos atletas ouvidos por PLACAR: os elogios à qualidade dos gramados e ao ambiente mais harmonioso para as famílias, realidades que não encontram no país de nascimento.” Leia aqui e acompanhe o extraordinário resultado dessa aventura nas redes sociais e na PLACAR TV. God save the football.

Luiz Felipe Castro e Alexandre Battibugli na Inglaterra durante uma semana: *all they need is love*

ÍNDICE

ESPECIAL INGLATERRA

10 A liderança de Casemiro no Manchester United

20 O fascínio dos brasileiros pela Premier League

28 Ninguém para o City de Pep Guardiola e Haaland

GUIA DA COPA DO MUNDO FEMININA

34 **APRESENTAÇÃO** Os palcos e a tabela do maior torneio da história

40 **DESTAQUES** As seleções favoritas para levantar a cobiçada taça

44 **BRASIL** A esperança de bom desempenho da geração pós-Marta

48 **FUTURO** As jovens promessas entram em campo

50 **PERFIS** Jogadoras que fizeram história e marcaram época

54 **PAREDÕES** As goleiras que representam segurança máxima

56 **ALMANAQUE** Recordes que podem ser batidos – e outros impossíveis

58 **HISTÓRIA** As origens na imprensa da primeira metade do século XX

64 **LITERATURA** A crônica vencedora do concurso do Museu do Futebol

66 **ARTIGO** Matthew Shirts

revistaplacar

@placartv

@placar

placar.com.br

contato@placar.com.br

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

Equipe Score:

CEO: Gustavo Leme
Editor: Luiz Felipe Castro
Repórteres: Klaus Richmond e Leandro Miranda
Diretor Comercial: Sandro Santos
Planejamento: Marcos Ramos
Mídias sociais: Bruna Serra Franco, Bruno de Giovanni e Gabriel Rodrigues
Estagiário: Fábio Kimura

Equipe Abril:

Redator-chefe: Fábio Altman
Repórter: Guilherme Azevedo
Estagiária: Maria Fernanda Lemos

Colaboraram com esta edição: Alexandre Battibugli (fotografia), Kaio Figueredo (pesquisa de fotos), Gabriel Grossi (edição de texto), Enrico Benevenutti, Bianca Molina, Amanda Santos e Mariana Porfírio (textos), Gabriel Gama (checagem) e Renato Bacci (revisão)

Edição de arte: LE Ratto

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência:
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar - Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676120

PLACAR 1501 (789.3614.11275-6), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

SCORE Editora

ESPERANDO ANCELOTTI

A fotografia do craque senegalês **Sadio Mané** com a camisa da seleção brasileira é um retrato do atual momento da canarinho pentacampeã do mundo – mas sem título mundial desde 2002. À espera de um novo treinador – provavelmente o italiano Carlo Ancelotti, do Real Madrid, que só viria em 2024, – a fase é ruim. Em março, o Brasil perdeu para o Marrocos por 2 a 1. Ganhou de Guiné por 4 a 1, mas em seguida, em 20 de junho, foi goleado pelo Senegal de Mané por 4 a 2 (e, não à toa, ele saiu feliz da vida do amistoso em Lisboa). Desde o infame 7 a 1 de 2014, contra a Alemanha, os brasileiros não levavam tantos gols. É o caso de ler com atenção o que escreveu Tostão: “O ideal seria que Ancelotti começasse agora na seleção, mas o ideal só existe nos nossos devaneios”.

GETTY IMAGES

VERGONHA EM SANTOS

Foi vergonhoso e lamentável – aos 44 minutos do 2° tempo o juiz Leandro Pedro Vuaden foi obrigado a encerrar a partida entre **Santos e Corinthians, na Vila Belmiro**, com vitória por 2 a 0 do alvinegro do Parque São Jorge, em **21 de junho**. O motivo: torcedores santistas atrás do gol de Cássio atiraram sinalizadores no gramado. Como se não bastasse, os atletas do Peixe não puderam sair de campo, ameaçados pela estúpida horda. A punição: 30 dias de jogos com portões fechados, nas partidas disputadas em casa. Depois, sete torcedores foram identificados por meio de reconhecimento facial e serão investigados. A idiotice só fez agravar a atual passagem do time, que anda mal das pernas. O ideal seria uma condenação ainda maior, que servisse como lição definitiva contra os marginais.

DENNIS CALÇADA

CASEMIRO É O LÍDER DA SELEÇÃO BRASILEIRA, MULTICAMPEÃO PELO REAL MADRID E EM APENAS UMA TEMPORADA JÁ GANHOU O RESPEITO E ADMIRAÇÃO DA TORCIDA DE OUTRO GIGANTE, O MANCHESTER UNITED. A PLACAR, ELE NARRA A HISTÓRIA DE UMA CARREIRA FADADA AO SUCESSO

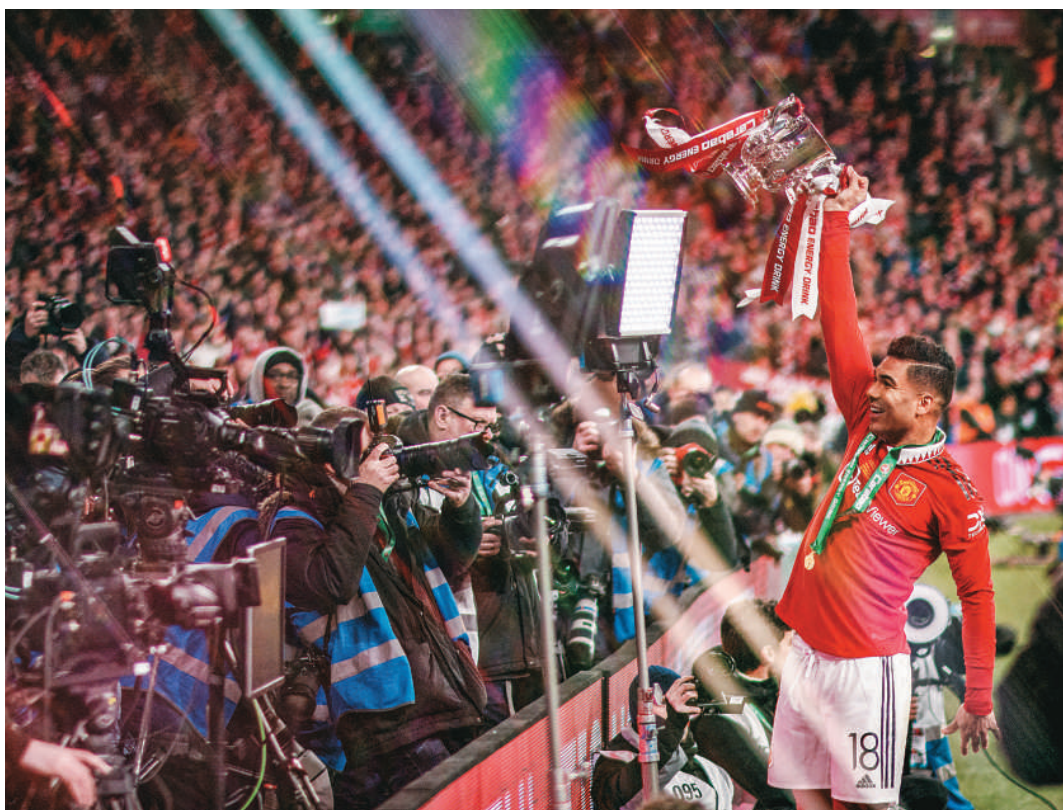
Luiz Felipe Castro, de Manchester
Foto: Alexandre Battibugli
Design: LE Ratto

O BRABO TEM NOME

O meio-campista, em sua casa, com um dos cachecóis mais vendidos em Old Trafford: “Não esperava tanto carinho”

Caía um frio de inverno sobre o centro de treinamento de Valdebebas, quando Casemiro venceu a costumeira timidez e bateu à porta de Zinedine Zidane, seu ídolo de infância e que acabava de ser efetivado como treinador do Real Madrid, para tentar entender por que havia começado no banco de reservas os primeiros cinco jogos sob o comando do francês. "Eu não vou jogar?", questionou o jovem brasileiro. "Fique tranquilo que seu momento vai chegar, você vai dar o equilíbrio ao time e não vai sair mais", ouviu de Zizou, com quem mantinha boa relação desde sua chegada à capital espanhola, quando o craque e eterno carrasco do Brasil era auxiliar de Carlo Ancelotti. Era fevereiro de 2016, em uma tarde que redefiniria os rumos da carreira do atleta e, muito provavelmente, da agremiação mais vencedora da Europa. O Real acabara de demitir Rafa Benítez, que insistia em escalar James Rodríguez à frente de Toni Kroos e Luka Modric, mesmo em meio a seguidos tropeços, como um 4 a 0 para o rival Barcelona no Santiago Bernabéu. Prestes a completar 24 anos, o atleta nascido em São José dos Campos (SP), então, tomou uma decisão crucial: garantiu a si mesmo que faria o que fosse preciso para se tornar um especialista em marcação. Zidane e Casemiro cumpriram suas promessas, um histórico trio de meio-campo foi formado e taças foram empilhadas. Nascia ali uma lenda brasileira no futebol europeu.

Na disputa pela titularidade, como se sabe, acabou sobrando para o criativo meia colombiano, James Rodríguez. "Eu pensava em como poderia entrar no time. Com a bola, Kroos, Modric e James são fenomenais, mas tínhamos um problema defensivo", relembra Casemiro, durante entrevista à PLACAR em sua luxuosa residência em Manchester. "Foi a partir daquele momento que comecei a fazer o chamado 'serviço sujo'. Fui me aprimorando e depois ficou fácil, era só roubar a bola e entregar para eles." O volante fala grosso, franze a testa, faz questão de manter a panca de xerife. Mas aos poucos se solta e se permite alguns sorrisos. "O Modric é mais de

Papa títulos: jogador mal chegou e já ergueu a Copa da Liga e por pouco não faturou a Copa da Inglaterra

GETTY IMAGES

UMA SENHORA CARREIRA

Casemiro só vestiu camisas pesadas
e colecionou canecos

19 TÍTULOS

2008-2012

SPFC

111 JOGOS

1 COPA SUL-AMERICANA
2012

2012-2022

336 JOGOS

1 COPA DO REI
2013/14

5 CHAMPIONS
2013/14, 2015/16, 2016/17, 2017/18 e 2021/22

2 SUPERCOPA DA UEFA
2016, 2017 e 2022

3 MUNDIAL
2016, 2017 e 2018

3 LA LIGA
2016/17, 2019/20 e 2021/22

3 SUPERCOPA DA ESPANHA
2017, 2019 e 2021

2014-2015

F C P

41 JOGOS

2022

MANCHESTER UNITED

51 JOGOS

1 COPA DA LIGA
2022/2023

Made in Cotia: Casemiro, Lucas (então conhecido como Marcelinho) e Zé Vitor, em edição de setembro de 2010

"TENHO O MAIOR PRAZER DE DIZER QUE JOGUEI NO SÃO PAULO. FOI O CLUBE QUE ME ABRIU AS PORTAS E DEU A PRIMEIRA CASA PARA MINHA MÃE"

controle de bola e o Kroos não erra um passe. Deu uma mescla muito boa e aproveitamos muito. Às vezes o Zidane até pedia para eu subir mais, ir para a frente para chutar, cabecear, mas eu não via necessidade, porque se perdêssemos a bola era eu quem teria de correr para trás."

O relato traduz um aspecto mais profundo e que ajuda a entender o sucesso de Carlos Henrique Casimiro – virou Casemiro por superstição, por achar que a grafia errada em uma camisa do São Paulo lhe trouxera sorte. Foram a sabedoria em admitir certas limitações e o zelo em se aprimorar em um novo papel, ainda que este lhe desse menor protagonismo, que o levaram a conquistar nada menos que 18 taças pelo Real, incluindo cinco Ligas dos Campeões e três Mundiais de Clubes, e a se tornar uma referência na seleção brasileira e aonde quer que vá.

Há um ano, Casemiro tomou outra decisão drástica e, por que não, surpreendente. Deixou para trás a condição de lenda do clube mais badalado do planeta e aceitou uma proposta de 70 milhões de libras (quase 400 milhões de reais pela cotação da época) do Manchester United, outro gigante europeu, porém em má fase e nem sequer classificado para a Champions League. O atleta que em fevereiro completou 31 anos diz ter posto diversos fatores na balança. "Primeiro, conversei com minha família, que aceitou na hora", diz. "Era a chance de sair de um grande clube por cima, com uma idade que ainda me permite ter essa força de vontade. Se fosse daqui a dois ou três anos, eu não sairia do Real Madrid para ir para outro grande, não teria essa ambição." Pesou, é claro, o desejo de jogar a Premier League. "E o melhor de tudo é que era aquilo mesmo que eu pensava", afirma.

Casemiro se diz pouco à vontade com as redes sociais – posta apenas o básico para seus 20 milhões de seguidores no Instagram e negou os pedidos da mulher, Anna, para se aventurar no TikTok. Mas, se fosse o caso de usar a linguagem dos aplicativos de namoro, pode-se dizer que a relação com os Diabos Vermelhos "deu match", de forma imediata. Já com bom domínio de inglês, ele ficou feliz ao receber da reportagem de PLA-

JOGO RÁPIDO

Ídolo de infância:
Tive vários, Ronaldo, Gilberto Silva, Mauro Silva, Scholes...mas o maior era o Zidane. Até hoje fico nervoso quando falo com ele.

Gol mais bonito?
Contra o Napoli (vitória por 3 a 1, em 2017, pelas oitavas da Champions). E o mais importante, na final da Champions contra a Juventus (também em 2017).

Melhor técnico?
Meu top 3 é Zidane, Ancelotti e Tite.

Melhor do mundo na sua posição?
Top 3: Kimmich, Rodri e o Busquets.

Torcida rival que mais o impressionou?
Galatasaray.

Melhor camisa que já trocou?
Não tenho hábito de trocar camisas. Mas já pedi para alguns ídolos, como Ronaldo, Roberto Carlos, Figo, Zidane, Ferdinand e Cafu.

Sonho profissional?
Ganhar uma Copa do Mundo e recolocar o Manchester United no topo.

CAR um vídeo gravado em frente ao estádio Old Trafford, no qual John, um senhor que vende cachecóis do United, rasgou elogios ao craque. "Casemiro é classudo, conhece a posição e sabe ler o jogo, é fantástico. Já é uma lenda, vamos amá-lo e cantar seu nome por muitos anos", disse o comerciante, cujos cachecóis personalizados mais vendidos são os de Casemiro, do argentino Lisandro Martínez e da estrela local Marcus Rashford.

O brasileiro admite surpresa com tanto afeto. "Todos no clube sempre foram muito carinhosos, me senti amado desde o primeiro dia, o que não era fácil depois de passar dez anos no Real Madrid", diz. "Claro que todos querem ter carinho e respeito, mas não imaginava que seria tão rápido." De fato, a icônica camisa vermelha lhe caiu bem. Logo em sua primeira temporada, Casemiro virou titular absoluto, com 53 jogos disputados, marcou sete gols (igualando suas duas melhores temporadas pelo Real Madrid) e distribuiu sete assistências. De quebra, ajudou o lado vermelho de Manchester a faturar o título da Copa da Liga Inglesa — bateu na trave na Copa da Inglaterra, ao perder para o rival City — e a recolocar o clube na Champions League como terceiro colocado da Premier. "Definitivamente, Casemiro é um líder desta equipe, não só por suas exibições e habilidades, como marcar gols, cruzar ou interceptar bolas, mas por sua mentalidade vencedora", afirmou em coletiva o técnico holandês Erik Tem Haag, responsável por sua contratação.

Casemiro segue a chamada linha "raiz", sem frescura, e se autodefine um boleiro à moda antiga. Não reclama de nada, nem mesmo do *boxing day*, a rodada da Premier League de 26 de dezembro, que impede que atletas passem as festas de fim de ano em seus países. "Eu gostei, são os jogos com a melhor atmosfera", diz. "Está tudo ótimo, me falavam que Manchester era uma cidade difícil de se viver, mas estou adorando." Na contramão de quase todos os colegas de profissão, não tem tatuagens ou corte de cabelo espalhafatoso. No vestiário da seleção, "Casão", como

GETTY IMAGES

Entre Kroos (à esq.) e Modric (à dir.): juntos, os "Três Tenores" ergueram 16 troféus

"QUEM ESTÁ NO MEU TIME É DA MINHA FAMÍLIA E EU VOU DEFENDER À MORTE"

ALEXANDRE BATTIBUGLI

CBF

71
JOGOS

COPA AMÉRICA 2019

"Casão" está acostumado a vestir a amarelinha desde a base: "Amor à camisa nunca faltou"

é chamado pelos companheiros, é quem procura manter todos na linha – o que, admite, já lhe rendeu fama de rabugento. Como Zito, o lendário capitão do Santos e da seleção famoso por dar broncas até em Pelé, não poupa ninguém, nem mesmo Neymar. Atualmente, quem mais sofre com seus puxões de orelha é Antony, outra cria são-paulina, colega de clube e da amarelinha. "Gosto de ter esse papel, de ser líder, de cuidar, de ser meio paizão e um exemplo para todos", diz.

Mais do que vocação, amadurecer cedo foi uma necessidade. Ainda criança, viu o pai abandonar a família e o esforço de sua mãe, Magda, para sustentar os três filhos como diarista. Ancorado no sonho de se tornar jogador, assumiu, portanto, a figura de homem da casa. Destaque do Moreira, time de sua cidade natal, São José dos Campos, pelo qual chegou a enfrentar Neymar, então na Portuguesa Santista, chegou à base do São Paulo com apenas 10 anos. Figurinha carimbada nas seleções de base, foi campeão da Copa São Paulo pelo Tricolor e logo ganhou a chance na equipe principal. Em setembro de 2010, fez sua primeira aparição em PLACAR, posando ao lado dos colegas Zé Vitor e Lucas Moura (então chamado de Marcelinho, por sua semelhança física e pelo fato de ter sido revelado na escolinha de Marcelinho Carioca). Na época, o presidente Juvenal Juvêncio apontava o CT de Cotia como a galinha dos ovos de ouro do São Paulo. No Morumbi, o garoto obstinado não resistiu aos perigos da juventude. Notavelmente talentoso e já com estrutura física avantajada, logo virou titular, assinou um bom contrato e acabou perdendo um pouco o foco. A fama de deslumbrado e displicente lhe rendeu o jocoso apelido de "Casemarra" e acelerou o objetivo da diretoria de vendê-lo. No início de 2013, a promessa tricolor foi emprestada ao Real Madrid Castilla, o time B do gigante espanhol, e rapidamente sua carreira voltou aos trilhos. A PLACAR, Casemiro garante não ter mágoa nenhuma do clube que o forjou. "Pelo contrário. Tenho o maior prazer de dizer que joguei no São Paulo, fiz mais de 100 jogos num gigante do Brasil. Foi o clube que me abriu as portas e deu a primeira casa para minha mãe", diz.

O Real exerceu a preferência de compra e o emprestou ao Porto, a pedido do técnico espanhol Julen Lopetegui, um de seus grandes mentores. O brasileiro aponta a liga portuguesa como o melhor "trampolim" para um atleta sul-americano. "Na época, eu queria ir para o Sevilla, havia ainda possibilidade de ir para a Inter de Milão, mas o Lopetegui me ligou, me contou três historinhas felizes do Porto e acabei indo para lá. Infelizmente não ganhei título, mas aprendi muito, e tenho muito carinho por aquele país excepcional." De volta à Espanha, mais maduro e respaldado pelo ídolo Zidane, Casemiro estava pronto para fazer história. Se seu grande amigo Cristiano Ronaldo foi, por mais de uma década, o grande antagonista de Lionel Messi no quesito gols e protagonismo, Casemiro talvez tenha sido o grande marcador da carreira do argentino. Foram duelos épicos e equilibrados. Em 20 encontros entre clubes e seleções, foram oito vitórias para cada um e quatro empates, com nove gols marcados pelo atacante e um pelo defensor. "Sempre foi um rival, por Barcelona e Argentina, não tinha como fugir. Mas quem gosta de futebol gosta do Messi, foi um prazer enfrentá-lo. É impossível parar caras como ele, Cristiano e Neymar sozinho, sempre precisa de ajuda e um planejamento, porque são jogadores fora da curva", diz.

Casemiro joga firme e não tem histórico de entradas desleais, mas admite que há momentos do jogo que pedem uma chegada mais forte. Ele deixa escapar um sorriso tímido ao relembrar uma jogada que volta a meia viraliza nas redes, na qual James Milner, do Liverpool, comete falta dura em Karim Benzema e pouco

“SE FOSSE PARA DAR UMA VOADORA NO MODRIC, EU DARIA”

O VOLANTE RELEMBRA A ELIMINAÇÃO PARA A CROÁCIA NA COPA DO CATAR, A DERROTA MAIS DOLOROSA DE SUA CARREIRA

Perder nos pênaltis para a Croácia doeu mais que a derrota de 2018 contra a Bélgica?
Sim, machucou mais. Não por ser contra a Croácia, mas porque chegamos mais preparados, nos sentíamos prontos para ser campeões. Foram as duas derrotas que me fizeram chorar, o que odeio, até pelo meu estilo de xerifão. No hotel, tentei manter a postura na frente dos meus filhos, mas no quarto chorei como uma criança.
Como explicar o gol croata faltando 4 minutos?
A bola entra no Pedro, ele tenta achar o Fred, ele meio que ganha a dividida, a bola volta, eu toco nela, ganho do Modric, mas ela sobra para eles... Aí o cara chuta, bate no Marquinhos, o Alisson meio que escorrega... Acontece.
O futebol é bonito porque nem sempre o melhor ganha, mas eu não diria que houve erro de alguém.
Mas o plano era recuar?
Não, como vamos recuar num lance no escanteio deles? Agora é fácil falar que todo mundo devia ter voltado. O Brasil teve chances para matar o jogo.
Você estava pendurado. Se não estivesse, teria matado a jogada?
Não tem nada a ver. Imagine se eu faço a falta, sou expulso e mesmo assim a gente leva um gol, e eu não bato o pênalti? Se fosse para dar uma voadora no Modric, eu daria, mas não, eu toquei nela, roubei a bola... Infelizmente, era para ser assim. É claro que dói. Dói para os 200 milhões de torcedores, mas dói mais ainda em mim, eu que estava lá dentro e sonhava em entrar para a história. Mas eu não faria nada diferente, aconteceu. Fazer o quê?
Torceu pela Argentina na final?
Não, nem assisti. Acho que fiquei um mês sem ver futebol, sem ligar a TV. Um dos meus melhores amigos, que é o Licha (Martínez), foi campeão, dei parabéns, com maior respeito e educação. E ele nunca tirou onda, até porque ele sabe que comigo não tem essa.

depois leva o troco na mesma moeda de Casemiro, enquanto, ao fundo, Zidane observa com ar de satisfação. “Quem está no meu time é da minha família e eu vou defender à morte, mas são coisas que acontecem no campo. O que vale é o respeito”, diz, curto e grosso. Casemiro é sério, direto e, apesar de não desejar os holofotes, não foge à luta. Ele rejeita com veemência a noção de que os atletas de hoje não têm mais amor à camisa amarela, mas aponta uma questão geracional. “Antes não havia tanta visibilidade, essa aproximação entre o fã e o ídolo. Hoje, com as redes sociais, o jogador posta tudo o que está fazendo e pode passar uma imagem de desinteresse, mas não é assim. Para estar no alto nível, há um preço a ser pago, é uma responsabilidade enorme”, diz o atleta, cuja rotina se resume a treinar e descansar ao lado da esposa e dos filhos Sara e Caio. Casemiro é um líder nato e admite gostar de ostentar a condição de capitão do time. Ele era um dos membros do rodízio de braçadeiras de Tite e foi

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Casemiro e Alisson após a eliminação em Doha: “Infelizmente, era pra ser assim”

“SE FOSSE DAQUI A DOIS OU TRÊS ANOS, EU NÃO SAIRIA DO REAL MADRID PARA IR PARA OUTRO GRANDE”

GETTY IMAGES

escolhido o novo líder fixo pelo interino Ramon Menezes.

“A faixa nada mais é do que um símbolo, mas dá uma responsabilidade e, sendo bem sincero, me agrada ser esse jogador exemplo, poder expressar minha opinião e dar a cara”, afirma. “Mas, se vou ser ou não o capitão, é decisão do treinador e isso é algo que respeito muito.” Na vez em que mais deu a cara a bater, em junho de 2021, Casemiro causou grande controvérsia ao criticar a forma como a Copa América, que seria jogada na Argentina e na Colômbia, foi transferida para o Brasil, em plena pandemia de coronavírus, em uma tabelinha entre a CBF e o governo Bolsonaro. A bola acabou rolando e tudo terminou em frustração. Passados dois anos, ele explica em detalhes o ocorrido. “A discussão foi levada para o lado político, que não tinha nada a ver, era uma questão humana. O Brasil estava num momento da pandemia até pior do que o dos países que cancelaram. Era só uma questão de respeito. Como muda a sede em questão de dias e a gente não é nem consultado?”, desabafa. Segundo ele, o ideal seria que a competição fosse jogada em uma única cidade, no formato de “bolha” e com os melhores gramados disponíveis – a arena do Corinthians era a preferida dos atletas. “A estrutura não foi boa, os campos não estavam preparados, os hotéis. Nos acusaram de não querer jogar, mas não era isso, tanto que jogamos”, crava. “Mas o jogador não pode ser tratado como marionete.” Os triunfos da Argentina, tanto na Copa América como no Mundial do Catar, deixaram um gosto amargo na equipe canarinho e em seu novo capitão, que se nega a desistir do sonho. Alguém ousa duvidar de sua fome de títulos? ■

Capitão com ou sem faixa: camisa 18 do United admite gostar da posição de liderança

SE ANTES OS JOGADORES NACIONAIS TORCIAM O NARIZ PARA O FUTEBOL E PARA A VIDA NO FRIO REINO DE ALBION, HOJE O BRASIL É A NAÇÃO ESTRANGEIRA COM MAIS REPRESENTANTES NA PREMIER LEAGUE — QUE É, COM SOBRAS, A LIGA MAIS ORGANIZADA, RICA E DESEJADA DO PLANETA

Luiz Felipe Castro, de Londres
Fotos: Alexandre Battibugli
Design: LE Ratto

O NOVO (E ANTIGO) ELDORADO DA BOLA

Willian, no charmoso Craven Cottage: oficialmente britânico, ele não pretende nunca mais deixar a amada Londres

Jorginho, que trocou Chelsea por Arsenal, bate bola no quintal da casa nova: “Londres é grande demais, tive que me mudar”

Quem caminha desavisado pela tranquila Stevenage Road, na zona oeste de Londres, pode não perceber que o belo muro de tijolos vermelhos abriga não um colégio ou uma antiga fábrica, mas um dos estádios da liga mais moderna e desejada do planeta. Inaugurado em 1896, às margens do Rio Tâmisa, o Craven Cottage, a casa do Fulham, mantém sua fachada quase inalterada, o que faz dele um dos campos mais charmosos do Reino Unido. Bem perto da estátua de Johnny Haynes, ídolo das décadas de 1950 e 1970, o brasileiro com mais jogos na história da Premier League (286) estaciona seu Bentley e tira fotos com fãs antes de atender a reportagem de PLACAR. Willian Borges, 34 anos, é só sorrisos no retorno à capital do antigo reino de Albion. Ídolo do Chelsea, ele passou pelo Arsenal e, depois de uma volta inglória ao Corinthians de sua infância, jogou a última temporada em outro rival dos Blues. Vive em paz e convicto de que tomou a decisão certa.

“Sou suspeito a falar, mas aqui é especial, é a melhor liga do mundo. Aprendi a amar este país e é aqui que quero viver depois de me aposentar”, diz o atleta nascido em Ribeirão Pires (SP), hoje oficialmente um cidadão britânico. “Tive que estudar bastante e fazer uma prova sobre a história do Reino Unido. Foi difícil, passei na terceira tentativa”, diverte-se o atacante, um dos destaques do Fulham com cinco gols e duas assistências em 27 jogos. O clube da zona oeste de Londres fez sua melhor campanha na elite desde 2012, terminando na 10ª colocação, à frente do vizinho e rival Chelsea, em mais uma prova da competitividade da Premier. Willian tem futuro indefinido no Fulham, mas, se depender de sua vontade, seguirá na Inglaterra.

Num passado nem tão distante, as ligas italiana e espanhola eram o destino sonhado por

A RECEITA DOS CLUBES DA PREMIER EM 2022 FOI DE 6,4 BILHÕES DE EUROS, O DOBRO DA SEGUNDA COLOCADA, LALIGA

A ILHA VERDE E AMARELA

Na temporada 2022/2023, o Brasil alcançou o recorde de 35 representantes na Premier League – contando naturalizados, como Jorginho e Diego Costa, o número chegaria a 40

NEWCASTLE 2 — Newcastle: 2

LIVERPOOL 4 — Liverpool: 4

MANCHESTER 4 — Manchester United: 3, Manchester City: 1

NOTTINGHAM 4 — Nottingham Forest: 4

WOLVERHAMPTON 2 — Wolverhampton: 2

LEICESTER 1 — Leicester City: 1

BIRMINGHAM 3 — Aston Villa: 3

LONDRES 13 — Arsenal: 4, Fulham: 4, West Ham: 1, Tottenham: 3, Chelsea: 1

SOUTHAMPTON 1 — Southampton: 1

BOURNEMOUTH 1 — Bournemouth: 1

NÚMERO DE BRASILEIROS NA INGLATERRA

Ano	Número
1993	0
2003	8
2013	15
2023	35

Douglas Luiz, do Aston Villa, e sua futmesa personalizada em Birmingham: pontaria afiada no jardim rendeu gols olímpicos

nove entre dez atletas brasileiros. O primeiro a se aventurar em solo britânico foi o cearense Francisco Ernandi da Silva, o Mirandinha, em 1987, pelo Newcastle, numa era anterior à Premier, criada cinco anos depois. Na virada do milênio, havia apenas quatro representantes na ilha, enquanto estrelas como Rivaldo, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho desfilavam talento entre os espanhóis. Hoje, no entanto, não há dúvida de que o Campeonato Inglês é o novo Eldorado – o pedaço de terra que, segundo a lenda indígena dos tempos de colonização da América, atraiu aventureiros em busca de ouro.

Na última temporada, Willian contou com a companhia de 34 compatriotas (39, contando aqueles que nasceram no Brasil, mas atuam por outras seleções). É mais que qualquer outra nação, exceto a anfitriã Inglaterra. Na Itália e Espanha, o número caiu para 22 brasileiros em cada uma. São marcas que confirmam um fenômeno. As razões são essencialmente econômicas, mas não só. A receita dos clubes da Premier em 2022 foi de 6,4 bilhões de euros, o dobro da segunda colocada, LaLiga, e o valor gasto em transferências foi de 882 milhões de euros, mais que todas as outras quatro maiores concorrentes somadas, segundo levantamento da Delloite. Há outros atrativos para além das cifras. Os atletas ouvidos por PLACAR na Inglaterra destacaram aspectos como o nível de disputa, os "tapetes" e a sensação de maior segurança em tempos de enorme intolerância no esporte. "A competitividade é incrível, para ganhar de um time de baixo, tem que suar muito. Os estádios estão sempre cheios, a atmosfera é fantástica, os gramados perfeitos, e esse é o sonho de todo jogador desde criança. Quando você chega, realmente pensa: UAU", diz Jorginho Frello, meio-campista catarinense que defende o Arsenal e a seleção italiana.

Jorginho, de 31 anos, viveu o auge da carreira no Chelsea com a conquista da Champions de 2021, um mês antes de erguer a Euro pela Azzurra. Na época, chegou a concorrer aos prêmios de melhor do mundo (foi terceiro na Bola de Ouro). Um ano depois, foi vilão ao perder um pênalti que tirou a Itália da Copa do Catar e também perdeu espaço nos Blues. Mudou de clube, mas não de cidade, e disse não ter sofrido qualquer tipo de intimidação com a ida ao Arsenal. "Aqui existe um pouco mais de respeito, eu não me sentia mais parte do projeto e me vi livre para buscar o que eu achava melhor", diz. "A recepção da torcida e internamente foi fantástica." Torcedor do São Paulo, Jorginho diz ter deixado de lado o objetivo de encerrar a carreira no país natal. "Vou ser sincero, eu tinha vontade, mas há muita violência, ameaças à família, invasão de CT, agressão em aeroporto, o jogador não poder ir no shopping com a filha se perder um jogo...", lamenta. "É uma pena, porque o Brasil é um país maravilhoso, que ama o futebol, mas precisa haver um limite." O discurso de Jorginho bate com a experiência frustrante de Willian, cria do terrão do Corinthians, que retornou ao Timão em 2021, mas deixou o clube alegando não suportar mais as ameaças a ele e seus familiares nas redes sociais. "Muitas vezes a pressão acaba sendo exagerada. Aqui na Inglaterra é diferente, não que não aconteça, pode ser que aconteça algo nas redes, mas se acontecer com certeza o clube e as autoridades vão agir imediatamente."

Eis a consagração de um projeto. A revolução do football, na realidade, tem raízes dolorosas. A década de 1980 foi marcada pela violência dos hooligans e pelas tragédias de Heysel, em 1985, e Hillsborough, em 1989, que mataram

Juninho, sensação do Middlesbrough, em capa de 1995: "Orgulho de ter aberto portas"

OS ATLETAS FORAM UNÂNIMES SOBRE O TIME MAIS DIFÍCIL DE ENFRENTAR. "ODEIO JOGAR CONTRA O CITY, VOCÊ FICA SEM TOCAR NA BOLA", DIZ DOUGLAS

mais de uma centena de torcedores. A Uefa chegou a punir todas as equipes inglesas com cinco anos de exclusão de suas competições. O governo de Margareth Thatcher entrou no jogo e tomou uma série de medidas que coibiram o vandalismo e a insegurança nos estádios – os críticos da Dama de Ferro, no entanto, apontam que o esporte-rei se tornou cada vez mais elitizado, quase inacessível para as classes mais baixas. Um brasileiro participou da transformação da Premier em fenômeno global. Em 1995, só se falava em Juninho na pequena cidade de Middlesbrough. "Nosso pivete no reino dos punks", estampou PLACAR em sua edição de dezembro daquele ano. Na época, o atacante já exaltava a qualidade do gramado do estádio Riverside, que segundo a reportagem parecia ser "cuidado por ourives". "A Premier não era tão popular no Brasil, mas já tinha organização e estrutura. O que mudou bastante de lá para cá foi a competitividade, até pela questão financeira, hoje os times são verdadeiras seleções", diz o ídolo do Boro, pelo qual atuou em três passagens, a última em 2004. "Os estrangeiros elevaram o nível e fico feliz de este mercado ter sido aberto para brasileiros."

O francês Thierry Henry, o holandês Dennis Bergkamp e o português Cristiano Ronaldo são alguns dos forasteiros que marcaram época. A mudança de patamar foi completa com a chegada de técnicos estrangeiros, e não só popstars como José Mourinho, Jürgen Klo-

OS BRASILEIROS CAMPEÕES

Com a conquista do penta nesta temporada, o goleiro Ederson, do City, igualou o ex-companheiro Fernandinho no topo da lista

5 VEZES EDERSON, FERNANDINHO

4 VEZES ANDERSON, GABRIEL JESUS

3 VEZES RAFAEL

2 VEZES DANILO, EDU GASPAR, OSCAR, WILLIAN

1 VEZ GILBERTO SILVA, ALEX, ALISSON, BELETTI, DAVID LUIZ, FABINHO, FÁBIO, FILIPE LUÍS, RAMIRES E ROBERTO FIRMINO

O PRIMEIRO BRASILEIRO A SE AVENTURAR EM SOLO BRITÂNICO FOI MIRANDINHA, EM 1987, PELO NEWCASTLE, NUMA ERA ANTERIOR À CRIAÇÃO DA PREMIER

pp e Pep Guardiola, mas diversos outros que ajudaram a mandar para escanteio a cultura do kick and rush, os chutões que caracterizavam o estilo inglês. Na temporada 2022/2023, entre demitidos e mantidos, a liga teve 20 treinadores estrangeiros. O carioca Douglas Luiz, por exemplo, teve seu jogo potencializado com a chegada do técnico Unai Emery ao Aston Villa. "Ele agregou bastante, pois veio com a mentalidade espanhola, um plano de jogo de querer jogar e estar com a bola, diferente de alguns treinadores que peguei aqui que priorizavam o estilo mais clássico de bolas longas", conta o meia revelado pelo Vasco da Gama e figura constante nas listas de Tite para a seleção brasileira (acabou ficando fora da Copa do Catar).

Douglas, de 25 anos, vive em uma confortável casa em Birmingham e aproveita o grande espaço do jardim para praticar as batidas na bola – marcou dois gols olímpicos na temporada – e se divertir no "futmesa" personalizado. É solteiro, mas está sempre rodeado. No dia da visita de PLACAR, tinha a companhia de quase uma dezena de amigos e familiares. "O mais complicado é o frio, ainda mais para mim, que sou do Rio, mas depois você se adapta. É necessário ter companhia. Eu moro sozinho, mas nunca estou só, a gente faz um rodízio de parentes e amigos." Colegas de clube como Philippe Coutinho e o goleiro Emiliano Martinez, campeão mundial pela Argentina, também são presença constante. "O 'Dibu' tem aquele personagem dentro de campo, provocador, mas fora é muito gente boa."

Os atletas ouvidos por PLACAR foram unânimes ao apontar qual seria o time mais difícil de enfrentar. "Odeio jogar contra o City, você fica sem tocar na bola, é terrível", resume Douglas Luiz. Entre os estádios mais temíveis, Anfield, do Liverpool, e Old Trafford, do United, foram os mais lembrados. Mas nem tudo são flores. "A gastronomia e o clima aqui não ajudam. Comida a gente até arruma, tem vários restaurantes, mas o frio não tem jeito", brinca Jorginho. A tendência é que cada vez mais brasileiros marquem presença na Liga. Até mesmo o Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia, facilitou a ida de sul-americanos, pois foi criado um novo sistema de pontuação, menos rígido, para a obtenção de visto de trabalho para estrangeiros. Para a elite da bola, as portas estão abertas. ■

Willian, na parte interna do Craven Cottage: tradição e modernidade – e gramados impecáveis

REGIDO PELA GENIALIDADE DE GUARDIOLA E IMPULSIONADO POR UMA LEGIÃO DE CRAQUES QUE SE COMPLETAM HARMONIOSAMENTE EM CAMPO, O MANCHESTER CITY LEVOU TODOS OS PRINCIPAIS TROFÉUS QUE DISPUTOU E ENTROU PARA A HISTÓRIA DO FUTEBOL

Leandro Miranda
Design: LE Ratto

MÁQUINA DE TÍTULO

Pep com a 'Orelhuda': 12 anos depois, ele voltou a levantar a taça da Champions

GETTY IMAGES

S

É possível atingir a perfeição no futebol? Provavelmente não, mas, de tempos em tempos, alguns conseguem chegar perto. É o caso da versão mais recente da máquina de jogar bola construída por Pep Guardiola, um obcecado pela busca constante da excelência. O Manchester City que levou a tão desejada tríplice coroa – Liga dos Campeões, Premier League e Copa da Inglaterra – provou de forma incontestável o que para muita gente já era realidade havia alguns anos: é o melhor time do planeta.

O feito não é pouca coisa. Na história do futebol inglês, só uma equipe havia conseguido conquistar as três taças na mesma temporada: justamente o arquirrival Manchester United, em 1998/1999. Naquela época, sugerir a um torcedor do gigante vermelho que o então modesto City repetiria a façanha dali a duas décadas soaria como piada. Mas, depois de muitas frustrações pelo caminho (e bilhões de euros despejados na montagem de equipes), o lado azul da chuvosa cidade inglesa pode se gabar de ter igualado o rival – e jogando um futebol incomparavelmente superior.

Não faltam jogadores fantásticos para o City. Craques que, sem o rio de dinheiro que vem dos Emirados Árabes, seriam inimagináveis para o torcedor ver em seu time até pouco tempo atrás. O português Rúben Dias é uma rocha na defesa; o espanhol Rodri, um maestro no meio-campo, e o belga Kevin De Bruyne, um armador moderno e completo. Já o português Bernardo Silva une habilidade e inteligência como poucos, enquanto o norueguês Erling Haaland se consolida cada vez mais como um artilheiro que parece ter sido criado em laboratório. Não é exagero, porém, dizer que o verdadeiro gênio do time está no banco de reservas.

No City desde 2016, Guardiola está em cons-

tante evolução, nunca satisfeito, sempre exigindo mais de si mesmo e do elenco. Desde o Barcelona que encantou o mundo com Messi, Xavi e Iniesta – para muitos, ainda sua obra-prima –, passando pelo Bayern de Munique, até culminar no multicampeão inglês, o treinador catalão não se cansa de se reinventar, bolar novas estratégias, surpreender os adversários. Mas sempre com os pilares imutáveis de seu estilo: o amor pela bola, trocando muitos passes para ficar o maior tempo possível com ela, e a marcação sufocante na frente, para tomá-la de volta o mais rapidamente possível.

Conversando com jogadores acostumados a enfrentar o Manchester City, o discurso é sempre semelhante. Jogar contra esse time de Guardiola não é apenas exaustivo fisicamente: correr quase o tempo inteiro atrás da bola também vai minando psicologicamente o adversário, que se sente inferior e, em alguns casos, não consegue entrar no jogo. E quando finalmente retoma a pelota, a ânsia de enfim poder fazer algo com ela é tão grande que, muitas vezes, a jogada sai forçada, o erro vem e lá estão os citizens tocando de pé em pé outra vez. A partida se transforma numa espécie de tortura mental.

Nesta temporada, talvez a mudança mais drástica de Guardiola tenha sido exigida justamente pela chegada do jogador que foi seu principal craque. Em anos recentes, o time se acostumou a jogar com um “falso nove”, um atacante que saía da área, participava da construção de jogadas, uma engrenagem extra em um mecanismo criado para estrangular lentamente o rival na batalha pela posse de bola. Mas Haaland é um centroavante puro, explosivo, que tem como único propósito a busca pelo gol.

Artilheiro implacável: longe de ser um “artista”, Haaland fez quase um gol por jogo na temporada

GETTY IMAGES

O fenômeno norueguês de 1,94 metro de altura está longe de ser um artista, um atacante que vá participar o tempo todo, tabelar, criar. Fisicamente privilegiado e com presença de área inigualável, ele deu ao City algo que havia faltado em anos anteriores: 52 gols em 53 jogos na temporada. O preço a pagar era ter um jogador a menos para controlar o jogo e sufocar o adversário em intermináveis sequências de passes.

JOGAR CONTRA ESSE TIME NÃO É SÓ EXAUSTIVO FISICAMENTE: CORRER O TEMPO INTEIRO ATRÁS DA BOLA VAI MINANDO PSICOLOGICAMENTE O ADVERSÁRIO

A solução do mutante Guardiola se deu graças a um jogador inesperado: o zagueiro John Stones, de ótimo passe, passou a atuar como volante quando o time tem a bola. Assim, o City mantém um quarteto de meio-campo para manter a posse (Stones e Rodri como volantes, De Bruyne e Gündogan como meias), deixando Haaland focado exclusivamente em perturbar a zaga adversária, com Bernardo e Grealish, abertos nas pontas, completando o avassalador ataque.

Tudo isso em nome da obsessão de Guardiola por dominar cada momento do jogo, deixar o mínimo possível à

COMO JOGA O CITY

GUARDIOLA ALTERNA FORMAÇÕES PARA ACOMODAR HAALAND SEM PERDER O CONTROLE DO MEIO-CAMPO

SEM A BOLA

Haaland
De Bruyne
Grealish
Bernardo
Gündogan
Rodri
Aké
Dias
Stones
Akanji
Ederson

O time marca em um 4-4-2 convencional, mas sempre buscando pressionar o adversário no campo de ataque e sufocar a saída do rival

COM A BOLA

Haaland
Grealish
Bernardo
Gündogan
De Bruyne
Rodri
Stones
Aké
Dias
Akanji
Ederson

O zagueiro Stones avança e vira volante, formando um quarteto de meio-campo que domina a posse de bola com a ajuda dos dois pontas

mercê do acaso. Mas no futebol é impossível controlar tudo. A final da Liga dos Campeões mostrou isso: contra uma Inter de Milão que era amplamente vista como um time azarão, o favoritíssimo City fez um jogo ruim para seus padrões, errou lances fáceis, tomou pressão e precisou do brilho do goleiro Ederson para triunfar com um magro 1 a 0. Mesmo com o planejamento mais meticuloso possível, o jogo mais importante da temporada fugiu totalmente do *script*. Depois de atropelar o poderoso Real Madrid na semifinal, a taça mais cobiçada, quem diria, veio na bacia das almas.

Não que alguém se importe, é claro. Guardiola voltou a levantar a Champions depois de um jejum de 12 anos, e o clube finalmente adicionou à sua história a taça mais importante da Europa. E o que dizer dos torcedores, acostumados a uma vida inteira como os primos pobres de Manchester? Não à toa, a festa pela tríplice coroa lotou as ruas da cidade, com direito a passeata em carro aberto e festejos que invadiram a madrugada. E com direito a mais um destaque inesperado: coadjuvante decisivo em campo, o ponta Grealish foi o protagonista das comemorações, sempre com (pelo menos) um drinque na mão, extravasando e fazendo tudo o que, pelo bem do profissionalismo, não foi possível ao longo da árdua temporada.

Os tradicionais rivais, impotentes dentro das quatro linhas, buscam alguma munição fora delas: o City está sob investigação da Premier League, acusado de quebrar as regras do fair play financeiro, e os títulos correm o risco de receber um asterisco mais cedo ou mais tarde. Independentemente do veredito que venha dos tribunais e das planilhas de contabilidade, dentro de campo a história já está escrita. O supertime de Guardiola ficará para sempre na memória dos amantes do jogo bonito. ■

GETTY IMAGES

Hoje pode: Grealish roubou a cena com alguns "excessos" na festa pelas ruas de Manchester

A VEZ DAS BRABAS

GESTÃO PROFISSIONAL, TALENTO, EXPERIÊNCIA E MUITA BRABEZA. AS RAZÕES PARA ACREDITAR NO SUCESSO DAS MENINAS DA PIA, NO MUNDIAL FEMININO 2023.

Vem aí mais uma grande oportunidade para o futebol feminino brasileiro mostrar o seu valor e toda a evolução tática alcançada na era Pia Sundhage. Será que dessa vez o título vem? Como chega o nosso time na Austrália e na Nova Zelândia? Neste informe, a Bet das brasileiras aponta os caminhos proféticos que podem levar nossas craques a essa conquista tão sonhada, e você a muitas comemorações profetizando nos jogos do Brasil. Confira.

2023: COM MAIS RESPEITO E PROFISSIONALISMO, A ESPERANÇA NO TIME FEMININO SÓ AUMENTA.

O primeiro Mundial de futebol feminino oficial da Fifa aconteceu na China, em 1991. Naquela época, o Brasil já havia conquistado 3 das suas 5 estrelas no futebol masculino. Apesar disso, quase não houve interesse em profissionalizar o esporte entre as mulheres - por parte dos clubes, governantes ou dirigentes esportivos.
32 anos depois, felizmente, vivemos um cenário de fortalecimento e conquistas relevantes. Desde 2019, por exemplo, a CBF obriga os clubes da Série A a manterem times femininos adultos e de base. Alguns deles, inclusive, já contam até com orçamento específico para o departamento feminino e gestão profissional com centro de treinamento, comissão técnica, academia, fisio, assistência de saúde, salários e ajudas de custo para as craques. Pontos fundamentais que, aliados ao trabalho realizado neste último ciclo, enchem de esperanças os corações proféticos da torcida brasileira.

NUNCA FOI FÁCIL, MAS JÁ “BATEMOS NA TRAVE” DUAS VEZES.

Quando falamos de “brabeza” é pra lembrar que mesmo com toda a histórica falta de apoio, nossas jogadoras já conquistaram oito títulos continentais, três ouros e uma prata em Pan Americanos, além de duas pratas olímpicas. Em Mundiais, foram duas as oportunidades em que chegamos perto de levantar a Taça Fifa: nas edições de 1999 (terceiro lugar) e de 2007 (vice), com destaque para um sonoro 4 x 0 na semifinal contra as Americanas. Se você acha que isso é pouco, comparado ao que o futebol masculino já entregou, é bom lembrar de que estamos falando de um país no qual o futebol feminino foi proibido por lei durante 40 anos. Imagine quantas Martas, Formigas, Cristianes e outras Brabas deixamos de revelar, nesse período, por puro preconceito e machismo?

BRABAS EM CAMPO:
A HORA DE PROFETIZAR É AGORA.

Com o ciclo de preparação na fase final, é hora de entender o time da Pia Sundhage que vai encarar o Mundial. Primeira treinadora estrangeira a dirigir a seleção brasileira, Pia nos trouxe não apenas um currículo com um bicampeonato olímpico e um vice no mundial de 2011, ambos no comando dos EUA, mas também uma notável mentalidade vencedora, senso de disciplina e mais consciência tática ao time. Nesses 4 anos de preparação, algo em torno de 90 jogadoras foram testadas e muitos desafios foram enfrentados - tais como a lesão que tirou as chances de convocação da atacante Ludimilla, por exemplo. Apesar disso, a confiança no trabalho só cresceu - principalmente porque foi visível nos gramados.
Adepta do clássico esquema 4-4-2, a treinadora preza pelo equilíbrio, sempre optando por laterais com boa marcação e chegada forte no ataque. Nesse sentido, um dos pilares do time é a lateral esquerda Tamires, do Corinthians. Além dela, a zagueira Rafaelle, do Arsenal, capitã da seleção brasileira, se destaca na defesa pela qualidade nos desarmes e principalmente pela saída de bola. Ainda no setor defensivo, a experiente goleira Lelê tem uma trajetória vitoriosa na Amarelinha, tendo sido eleita melhor goleira do Brasileirão 2022, inclusive. Destaque por ser menos vazada na temporada, sua presença nos leva a profetizar que o time brasileiro tende a sofrer menos gols por jogo, principalmente nos jogos da primeira fase contra o Panamá e a Jamaica. No meio de campo, Pia conta com a qualidade do passe e inteligência de jogadoras como Adriana e Ary Borges, além de Duda Sampaio, considerada a "rainha das assistências", na última temporada. Já na linha de frente, a atacante Debinha é simplesmente a artilheira da seleção na era Pia e pode garantir profecias de muita bola na rede, junto com outras craques como Bia Zaneratto, uma das maiores artilheiras da história do time feminino do Palmeiras, Geyse - atacante de destaque do Barcelona e ela, nossa maior estrela: Marta, seis vezes eleita a melhor do mundo, a maior artilheira da história da Seleção Brasileira (contando a Masculina e a Feminina) com 116 gols e a primeira pessoa a marcar em cinco edições diferentes do torneio (considerando homens e mulheres). E se você quer um motivo extra para aumentar seu otimismo, nossa Amarelinha feminina ganhou mais duas posições no ranking da Fifa divulgado em junho, o último antes do Mundial, que começará no dia 20/07. Quem sabe isso não é mais um forte sinal profético de que muitas alegrias virão do outro lado do mundo?

Torça, vibre e se emocione com o talento, a habilidade, o poder de superação e - sobretudo, profetize na brabeza dessas meninas que tanto tem a inspirar no país do futebol.

A MAIOR DE TODOS OS TEMPOS

Opera House: cartão-postal de Sydney, cidade que receberá a final do Mundial

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C	GRUPO D	GRUPO E	GRUPO F	GRUPO G	GRUPO H
Nova Zelândia	Austrália	Espanha	Inglaterra	Estados Unidos	França	Suécia	Alemanha
Noruega	Irlanda	Croácia	Haiti	Vietnã	Jamaica	África do Sul	Marrocos
Filipinas	Nigéria	Zâmbia	Dinamarca	Holanda	Brasil	Itália	Colômbia
Suíça	Canadá	Japão	China	Portugal	Panamá	Argentina	Coreia do Sul

A NOVA EDIÇÃO DO MUNDIAL SERÁ REALIZADA ENTRE 20 DE JULHO E 20 DE AGOSTO NA AUSTRÁLIA E NA NOVA ZELÂNDIA, COM 32 SELEÇÕES LUTANDO PELO TROFÉU E POR PRÊMIOS EM DINHEIRO TRÊS VEZES MAIORES DO QUE O QUE A FIFA PAGOU HÁ QUATRO ANOS

Maria Fernanda Lemos e Klaus Richmond

A expectativa é enorme – e não poderia ser diferente. A nona edição da Copa do Mundo Feminina tem os maiores números e uma coleção de ineditismos. Pela primeira vez, o torneio será disputado em dois países, Austrália e Nova Zelândia. Pela primeira vez, terá 32 seleções participantes (foram doze, em 1991, e 24, em 2019). Pela primeira vez, a Fifa distribuirá prêmios individuais às atletas que se destacarem, sendo que o total pago às seleções participantes será três vezes maior do que há quatro anos. E, mais do que nunca, o interesse pela modalidade deve ajudar a bater todos os recordes de audiência, tanto ao vivo – até maio, mais de 1 milhão de ingressos tinham sido vendidos antecipadamente, número superior ao total registrado no Mundial passado, na França – quanto pela televisão. No Brasil, a Globo e o canal CazéTV têm os direitos de transmissão.

A competição começa no dia 20 de julho, com as neozelandesas enfrentando a Noruega no estádio Eden Park, em Auckland, a maior cidade do país. Em decorrência do fuso horário, os jogos do Brasil serão acompanhados do lado de cá do mundo no início da manhã: às 8 horas no dia 24, contra o Panamá, e às 7 horas nos dias 29 e 2 de agosto, respectivamente contra França e Jamaica. Depois, a disputa segue nos moldes da Copa do Mundo Masculina, com oitavas, quartas e semifinal, até a grande decisão, marcada para o dia 20 de agosto em Sydney, a maior cidade da Austrália (veja a tabela completa na pág. 38).

Sete países estreiam na competição este ano: Marrocos, Filipinas, Irlanda, Vietnã, Zâmbia, Portugal e Haiti. Nas oito edições já realizadas, os Estados Unidos sempre foram a seleção a ser batida. Levantaram a taça na estreia, em 1991, na China; repetiram a dose em 1999, jogando em casa; e são as atuais bicampeãs, após as conquistas de 2015, no Canadá, e de 2019, na França. Outros três países conquistaram o troféu: a Alemanha, bicampeã em 2003 e 2007; a Noruega, vencedora em 1995; e o Japão, em 2011. O Brasil, apesar de contar com a maior jogadora de todos os tempos, foi vice em 2007 e terceiro lugar em 1999.

Nossa eterna número 10, Marta, estará em campo pelo sexto Mundial consecutivo depois de dez meses afastada por causa de uma lesão no ligamento cruzado anterior do joelho esquerdo. Curiosamente, o mesmo problema físico tirou da Copa as brasileiras Lorena e Ludmila, as inglesas Leah Williamson e Beth Mead, a holandesa Vivianne Miedema, a austríaca Laura Wienroither e a brasileira naturalizada americana Catarina Macario.

Para a felicidade de quem gosta de bom futebol, a espanhola Alexia Putellas, eleita duas vezes a melhor do mundo e desfalque da Eurocopa do ano passado justamente devido a uma lesão de ligamento cruzado anterior, está recuperada e é uma das grandes esperanças da Fúria, ao lado da meia Aitana Bonmatí, do Barcelona, premiada como a melhor jogadora da mais recente edição da Liga dos Campeões. Entre as americanas, as principais esperanças de manter a hegemonia global são duas atacantes de 21 anos: Sophia Smith e Trinity Rodman (filha do ex-astro da NBA Dennis Rodman), ao lado das veteranas Alex Morgan e Megan Rapinoe. A australiana Sam Kerr, a inglesa Keira Walsh, a alemã Alex Popp e a canadense Christine Sinclair (que, aos 40 anos, já marcou 190 gols em partidas oficiais, um recorde entre jogadores homens e mulheres) também aparecem nessa lista de atrações do Mundial – ao lado de Marta, é claro, lenda viva (leia na pág. 50).

Tudo indica que será a última oportunidade para essa alagoana de 37 anos chegar ao degrau mais alto do pódio. Há quatro anos, logo após a derrota para a França, nas oitavas de final, ela fez um desabafo, ainda dentro de campo: "É isso que peço para as meninas. Não vai ter uma Formiga para sempre, uma Marta, uma Cristiane. O futebol feminino depende de vocês para sobreviver. Pensem nisso, valorizem mais. Chorem no começo para sorrir no fim". No ano passado, sob o comando da técnica sueca Pia Sundhage, o Brasil ganhou a Copa América de forma invicta. E agora conta com Geyse, Kerolin, Ary Borges e Debinha (artilheira da era Pia, com 24 gols) para brilhar no Mundial (leia na pág. 44). Boa diversão! ■

GETTY IMAGES

OS PALCOS DO TORNEIO

DEZ ESTÁDIOS EM DOIS PAÍSES – AUSTRÁLIA E NOVA ZELÂNDIA – E NOVE CIDADES DIFERENTES RECEBERÃO OS 64 JOGOS ATÉ A FINAL

BRISBANE 6
PERTH 1
SYDNEY 4 5
ADELAIDE 2
MELBOURNE 3

1

ESTÁDIO PERTH RETANGULAR

PERTH

22 225 PESSOAS

5 jogos da fase de grupos

2

ESTÁDIO HINDMARSH

ADELAIDE

16 500 PESSOAS

4 jogos da fase de grupos
1 jogo das oitavas

3

ESTÁDIO MELBOURNE RETANGULAR

MELBOURNE

30 052 PESSOAS

4 jogos da fase de grupos
2 jogos das oitavas

FOTOS BEST PHOTO AGENCY

4

ESTÁDIO AUSTRÁLIA

SYDNEY

83 500 PESSOAS

1 jogo da fase de grupos
1 jogo das oitavas
1 jogo das quartas
1 jogo da semifinal
Final

5

ESTÁDIO SYDNEY FOOTBALL

SYDNEY

42 512 PESSOAS

5 jogos da fase de grupos
1 jogo das oitavas

6

ESTÁDIO BRISBANE

BRISBANE

52 263 PESSOAS

5 jogos da fase de grupos
1 jogo das oitavas
1 jogo das quartas
Decisão de terceiro lugar

AUCKLAND 7
HAMILTON 8
WELLINGTON 9
10 DUNEDIN

7

EDEN PARK

AUCKLAND

48 276 PESSOAS

6 jogos da fase de grupos
1 jogo das oitavas
1 jogo das quartas
1 jogo da semifinal

8

ESTÁDIO WAIKATO

HAMILTON

25 111 PESSOAS

5 jogos da fase de grupos

9

ESTÁDIO WELLINGTON REGIONAL

WELLINGTON

39 000 PESSOAS

7 jogos da fase de grupos
1 jogo das oitavas
1 jogo das quartas

10

ESTÁDIO DUNEDIN

DUNEDIN

28 744 PESSOAS

6 jogos da fase de grupos

A CAMINHO DA DECISÃO

* Os horários são os de Brasília

Grupo A

FILIPINAS · NORUEGA · NOVA ZELÂNDIA · SUÍÇA

Jogo	Data e local
N. Zelândia X Noruega	20/7, quinta, 4h* Eden Park, Auckland (NZ)
Filipinas X Suíça	21/7, sexta, 2h Estádio Dunedin (NZ)
N. Zelândia X Filipinas	25/7, terça, 2h30 Estádio Wellington Regional (NZ)
Suíça X Noruega	25/7, terça, 5h Estádio Waikato, Hamilton (NZ)
Suíça X N. Zelândia	30/7, domingo, 4h Estádio Dunedin (NZ)
Noruega X Filipinas	30/7, domingo, 4h Eden Park, Auckland (NZ)

Grupo B

AUSTRÁLIA · CANADÁ · IRLANDA · NIGÉRIA

Jogo	Data e local
Austrália X Irlanda	20/7, quinta, 7h Estádio Austrália, Sydney (AUS)
Nigéria X Canadá	20/7, quinta, 23h30 Estádio Melbourne Retangular (AUS)
Canadá X Irlanda	26/7, quarta, 9h Estádio Perth Retangular (AUS)
Austrália X Nigéria	27/7, quinta, 7h Estádio Brisbane (AUS)
Canadá X Austrália	31/7, quinta, 7h Estádio Melbourne Retangular (AUS)
Irlanda X Nigéria	31/7, quinta, 7h Estádio Brisbane (AUS)

Grupo C

COSTA RICA · ESPANHA · JAPÃO · ZÂMBIA

Jogo	Data e local
Espanha X Costa Rica	21/7, sexta, 4h30 Estádio Wellington Regional (NZ)
Zâmbia X Japão	22/7, sábado, 4h Estádio Waikato, Hamilton (NZ)
Japão X Costa Rica	26/7, quarta, 2h Estádio Dunedin (NZ)
Espanha X Zâmbia	26/7, quarta, 4h30 Eden Park, Auckland (NZ)
Japão X Espanha	31/7, quinta, 4h Estádio Wellington Regional (NZ)
Costa Rica X Zâmbia	31/7, quinta, 4h Estádio Waikato, Hamilton (NZ)

Grupo D

CHINA · DINAMARCA · HAITI · INGLATERRA

Jogo	Data e local
Inglaterra X Haiti	22/7, sábado, 6h30 Estádio Brisbane (AUS)
Dinamarca X China	22/7, sábado, 9h Estádio Perth Retangular (AUS)
China X Haiti	28/7, sexta, 8h Estádio Hindmarsh, Adelaide (AUS)
Inglaterra X Dinamarca	28/7, sexta, 5h30 Estádio Sydney Football (AUS)
Haiti X Dinamarca	1/8, terça, 8h Estádio Perth Retangular (AUS)
China X Inglaterra	1/8, terça, 8h Estádio Hindmarsh, Adelaide (AUS)

Oitavas de final

1 — 5/8, sábado, 2h, Eden Park, Auckland (NZ): 1º do grupo A X 2º do grupo C

2 — 5/8, sábado, 23h, Estádio Sydney Football (AUS): 1º do grupo E X 2º do grupo G

3 — 5/8, sábado, 5h, Estádio Wellington Regional (NZ): 1º do grupo C X 2º do grupo A

4 — 6/8, domingo, 6h, Estádio Melbourne Retangular (AUS): 1º do grupo G X 2º do grupo E

Quartas de final

1 — 10/8, quinta, 22h, Estádio Wellington Regional, (NZ): Vencedor das oitavas 1 X Vencedor das oitavas 2

2 — 11/8, sexta, 4h30, Eden Park, Auckland (NZ): Vencedor das oitavas 3 X Vencedor das oitavas 4

Semifinal 1

15/8, terça, 5h
Eden Park, Auckland (NZ)

Vencedor das quartas 1 X Vencedor das quartas 2

Final

Vencedor da semifinal 1 X

Decisão do 3º lugar

Perdedor da semi 1 X

Grupo E

EUA · HOLANDA · PORTUGAL · VIETNÃ

Jogo			Data e local
EUA	X	Vietnã	21/7, sexta, 22h Eden Park, Auckland (NZ)
Holanda	X	Portugal	23/7, domingo, 4h30 Estádio Dunedin (NZ)
EUA	X	Holanda	26/7, quarta, 22h Estádio Wellington Regional (NZ)
Portugal	X	Vietnã	27/7, quinta, 4h Estádio Waikato, Hamilton (NZ)
Portugal	X	EUA	1/8, terça, 4h Eden Park, Auckland (NZ)
Vietnã	X	Holanda	1/8, terça, 4h Estádio Dunedin (NZ)

Grupo F

BRASIL · FRANÇA · JAMAICA · PANAMÁ

Jogo			Data e local
França	X	Jamaica	23/7, domingo, 7h Estádio Sydney Football (AUS)
Brasil	X	Panamá	24/7, segunda, 8h Estádio Hindmarsh, Adelaide (AUS)
França	X	Brasil	29/7, sábado, 7h Estádio Brisbane (AUS)
Panamá	X	Jamaica	29/7, sábado, 9h30 Estádio Perth Retangular (AUS)
Jamaica	X	Brasil	2/8, quarta, 7h Estádio Melbourne Retangular (AUS)
Panamá	X	França	2/8, quarta, 7h Estádio Sydney Football (AUS)

Grupo G

ARGENTINA · ITÁLIA · SUÉCIA · ÁFRICA DO SUL

Jogo			Data e local
Suécia	X	A. do Sul	23/7, domingo, 2h Estádio Wellington Regional (NZ)
Itália	X	Argentina	24/7, segunda, 3h Eden Park, Auckland (NZ)
Argentina	X	A. do Sul	27/7, quinta, 21h Estádio Dunedin (NZ)
Suécia	X	Itália	29/7, sábado, 4h30 Estádio Wellington Regional (NZ)
Argentina	X	Suécia	2/8, quarta, 4h Estádio Waikato, Hamilton (NZ)
A. do Sul	X	Itália	2/8, quarta, 4h Estádio Wellington Regional (NZ)

Grupo H

ALEMANHA · COLÔMBIA · COREIA DO SUL · MARROCOS

Jogo			Data e local
Alemanha	X	Marrocos	24/7, segunda, 5h30 Estádio Melbourne Retangular (AUS)
Colômbia	X	C. do Sul	24/7, segunda, 23h Estádio Sydney Football (AUS)
C. do Sul	X	Marrocos	30/7, domingo, 1h30 Estádio Hindmarsh, Adelaide (AUS)
Alemanha	X	Colômbia	30/7, domingo, 6h30 Estádio Sydney Football (AUS)
C. do Sul	X	Alemanha	3/8, quinta, 7h Estádio Brisbane (AUS)
Marrocos	X	Colômbia	3/8, quinta, 7h Estádio Perth Retangular (AUS)

Oitavas de final

5 7/8, segunda, 7h30
Estádio Austrália, Sydney (AUS)
1º do grupo B X 2º do grupo D

6 8/8, terça, 8h
Estádio Hindmarsh, Adelaide (AUS)
1º do grupo F X 2º do grupo H

7 7/8, segunda, 4h30
Estádio Brisbane (AUS)
1º do grupo D X 2º do grupo B

8 8/8, terça, 5h
Estádio Melbourne Retangular (AUS)
1º do grupo H X 2º do grupo F

Quartas de final

3 12/8, sábado, 4h
Estádio Brisbane (AUS)
Vencedor das oitavas 5 X Vencedor das oitavas 6

4 12/8, sábado, 7h30
Estádio Austrália, Sydney (AUS)
Vencedor das oitavas 7 X Vencedor das oitavas 8

Semifinal 2

16/8, quarta, 7h
Estádio Austrália, Sydney (AUS)
Vencedor das quartas 3 X Vencedor das quartas 4

20/8, domingo, 7h
Estádio Austrália, Sydney (AUS)
Vencedor da semifinal 2

19/8, sábado, 5h
Estádio Brisbane (AUS)
Perdedor da semi 2

AS FAVORITAS DA VEZ

OS ESTADOS UNIDOS CHEGAM À COPA COM MUITA FORÇA, MAS QUATRO SELEÇÕES EUROPEIAS (ALÉM DAS DONAS DA CASA) SONHAM EM TERMINAR A COMPETIÇÃO NO DEGRAU MAIS ALTO

Guilherme Azevedo

Desde a primeira Copa do Mundo, em 1991, a seleção dos Estados Unidos sempre aparece entre as favoritas. Agora não é diferente: quatro vezes campeãs do torneio (inclusive nas duas mais recentes edições), as americanas sonham com o penta. Mas quatro países europeus sonham em atrapalhar essa hegemonia: Inglaterra, atual campeã da Eurocopa, França, Alemanha e Espanha despontam entre os especialistas como as principais forças para a disputa que inicia no próximo dia 20. Além disso, a equipe australiana conta com o fato de jogar em casa para tentar surpreender. Conheça a seguir como chegam ao Mundial as seis maiores apostas.

Walsh: mais cara da história, a meia é referência inglesa

Entre as grandes evoluções dos últimos anos, é impossível não destacar a Inglaterra. Atual campeã da Eurocopa e da Finalíssima, ao bater o Brasil, a seleção classificou-se para a Copa com 100% de aproveitamento nas eliminatórias, 80 gols marcados e nenhum sofrido em dez jogos. A equipe celebrou trinta jogos de invencibilidade entre setembro de 2021 e abril de 2023. Para desafiar a hegemonia americana no torneio, as inglesas apostam em **Keira Walsh**, Lucy Bronze, Alex Greenwood e Lauren Hemp – e são, de fato, o time a ser batido. A questão é a pouca tradição nos Mundiais anteriores.

RANKING DA FIFA: 4ª
CLASSIFICADA COMO: 1ª NO GRUPO D DAS ELIMINATÓRIAS DA EUROPA

INGLATERRA

GETTY IMAGES

RANKING DA FIFA: 1º
CLASSIFICADA COMO: CAMPEÃ DO CAMPEONATO FEMININO DA CONCACAF

ESTADOS UNIDOS

É impossível desassociar o futebol feminino dos Estados Unidos. Tetracampeão mundial, uma vez vice e três vezes com o bronze, o time é a maior potência da modalidade e não por acaso lidera o ranking da Fifa. Campeã sem sustos do Campeonato Feminino da Concacaf, a seleção chega também com o bronze olímpico (em Tóquio 2020) e as duas últimas Copas do Mundo. Entre as craques que venceram a edição de 2019, **Alex Morgan** e Megan Rapinoe seguem liderando a equipe.

Morgan (com a camisa 13): histórica e craque, busca o tri

FOTOS GETTY IMAGES

Segunda colocada na Eurocopa, a seleção alemã chega ao Mundial como uma candidata ao título. No passado, elas já levantaram a taça em duas ocasiões, mais uma prova do peso da camisa e da tradição do futebol no país. Para voltar ao topo, porém, a Alemanha precisa superar derrotas marcantes recentes, como o vice europeu e a eliminação nas quartas da Copa do Mundo de 2019. O principal destaque do elenco é **Alexandra Popp**, craque do Wolfsburg, que chegou à final da mais recente edição da Liga dos Campeões.

FIFA

Popp: artilheira alemã chega badalada

RANKING DA FIFA: 2º
CLASSIFICADA COMO: 1ª NO GRUPO H DAS ELIMINATÓRIAS DA EUROPA

ALEMANHA

Cada vez mais firme na evolução do futebol feminino, a Espanha esbanja qualidade técnica em seu grupo. Por um lado, conta com a recuperação da atual melhor do mundo, **Alexia Putellas**. Por outro, sofre com problemas internos, como desavenças entre lideranças do elenco e o treinador Jorge Vilda que levaram a afastamentos e recusas de convocação. Mesmo sem a zagueira Mapi León, La Roja aposta no retorno de um nome: Aitana Bonmatí.

FIFA

Putellas: atual melhor do mundo se recuperou de lesão

RANKING DA FIFA: 6º
CLASSIFICADA COMO: 1ª DO GRUPO B DAS ELIMINATÓRIAS DA EUROPA

ESPANHA

GETTY IMAGES

Renard: capitã está de volta após protestos

RANKING DA FIFA: 5º
CLASSIFICADA COMO: 1ª DO GRUPO I DAS ELIMINATÓRIAS DA EUROPA

FRANÇA

Algoz do Brasil nas oitavas de final de 2019 e adversária já na fase de grupos nesta edição, a França é outra que chega com força à Copa do Mundo. Classificada com 100% de aproveitamento nas eliminatórias, foi semifinalista da última Euro, caindo para a Alemanha. Com nomes famosos como **Wendie Renard**, Amandine Henry e Kadidiatou Diani, pode sentir falta de Delphine Cascarino e Marie Katoto, afastadas por lesão. Ainda assim, com um grupo forte e boas campanhas recentes, tem todas as condições de lutar pela taça.

GETTY IMAGES

Kerr: em casa, craque tem holofotes para si

RANKING DA FIFA: 10º
CLASSIFICADA COMO: PAÍS-SEDE

AUSTRÁLIA

Anfitriã da competição ao lado da Nova Zelândia, a Austrália aparece entre as principais candidatas ao título também pelo apoio de sua torcida – mas principalmente porque venceu Espanha e Inglaterra em amistosos recentes. A seleção pode ser considerada a sexta força deste Mundial. Dentro de campo, a referência técnica é a capitã **Sam Kerr**, atacante do Chelsea. Nos Jogos de Tóquio, ela fez seis gols na campanha pela quarta colocação olímpica. Agora espera brilhar ainda mais em casa.

ELAS FARÃO FALTA

ALTA INCIDÊNCIA DE LESÕES NO LIGAMENTO CRUZADO ANTERIOR (LCA) TIROU ESTAS CRAQUES DA COPA

LUDMILA
Atacante | Brasil

LORENA
Goleira | Brasil

CATARINA MACARIO
Atacante | EUA

CHRISTEN PRESS
Atacante | EUA

BETH MEAD
Atacante | Inglaterra

LEAH WILLIAMSON
Zagueira/Volante Inglaterra

VIVIANNE MIEDEMA
Atacante | Holanda

MARIE-ANTOINETTE KATOTO
Atacante | França

MAIS AUSÊNCIAS SENTIDAS

CRISTIANE (Brasil)
Preterida por Pia mesmo com 96 gols pelo país, principal artilheira do último Brasileirão e em excelente fase pelo Santos

MAPI LEON E PATRI GUIJARRO (Espanha)
A zagueira e a meio-campista optaram por não servir ao país após desentendimento com o técnico Jorge Vilda e a federação espanhola

A GERAÇÃO PÓS-MARTA

SELEÇÃO PASSOU POR RENOVAÇÃO COM ONZE ESTREANTES - APESAR DA IDADE MÉDIA AINDA ALTA - E ESPERA PÔR FIM NA MALDIÇÃO DAS OITAVAS PARA ASSUMIR PROTAGONISMO MUNDIAL

Enrico Benevenutti

CYNTHIA SALLES/ANIMALE

O Brasil se acostumou a ver Marta como o grande símbolo do futebol feminino do país. Por décadas, a rainha do futebol brilhou com a camisa da seleção e, ao lado de Cristiane e Formiga, conquistou torcedores em todo o planeta. A bola agora não está mais com ela. Sim, Marta segue sendo a maior influência e referência de nossas jogadoras, mas a última chance de ela conquistar o mundo com a amarelinha está nos pés de uma nova geração. O Brasil chega para a Copa do Mundo na expectativa de que o trabalho de renovação comandado pela técnica sueca Pia Sundhage nos permita alcançar esse título inédito.

A seleção brasileira entrou em declínio logo após nossa melhor geração alcançar a final da Copa do Mundo de 2007 e perder o título para a Alemanha. Desde então, duras eliminações nas quartas e oitavas de final (duas vezes) rebaixaram o país ao papel de simples coadjuvante. O processo de renovação teve início logo após a última Copa, depois da queda para a França na prorrogação das oitavas. Atletas como Cristiane e Formiga, além da própria Marta, foram perdendo espaço como titulares, apesar do bom desempenho em seus clubes. A Rainha, sempre orientando as mais jovens, tornou-se um símbolo desse projeto de transição, agregando experiência às novas promessas.

Uma nova geração foi pedindo passagem: Geyse, do Barcelona; Gabi Nunes, do Madrid CFF; e Kathellen, do Real Madrid; são as principais representantes brasileiras nos gramados europeus. No cenário nacional, o futebol feminino ganhou muito mais espaço com a exigência da CBF de criar times femininos para todas as equipes masculinas da Série A. Jovens atletas como Bruninha, Duda Sampaio, Lauren e Ary Borges despontaram, enquanto outras mais experientes, como Bia Zaneratto (leia entrevista na pág. 46), chamaram a atenção da técnica Pia.

Uma nova geração foi pedindo passagem: Geyse, do Barcelona, Gabi Nunes, do Madrid CFF, e Nycole, do Benfica, são as principais representantes brasileiras nos gramados europeus. Kerolin, do North Caroline Courage, também virou uma espécie de xodó da treinadora. As duas primeiras têm 25 e 26 anos, respectivamente, enquanto as últimas só 23 cada. No cenário nacional, o futebol feminino ganhou muito mais espaço com a exigência da CBF de criar times femininos para todas as equipes masculinas da Série A. Jovens atletas como Bruninha (21), Duda Sampaio (22), Lauren (20) e Ary Borges (23) despontaram, enquanto outras mais experientes, como Bia Zaneratto (leia entrevista na pág. 46), chamaram a atenção da técnica Pia.

A atacante Debinha se tornou o grande nome nesse ciclo. A atleta do Kansas City chega para a Copa do Mundo como grande esperança de gols. Aos 31 anos, ela divide a responsabilidade com veteranas como a lateral-esquerda Tamires (35) e a meia Luana (31). Sim, ainda há a figura das mais experientes – a geração Marta. Oito jogadoras têm 30 anos ou mais e elevam a média de idade a 27,5 anos, igualando a do último Mundial. As duas são as mais altas da história brasileira em mundiais.

Os resultados recentes indicam que a expectativa de nossa seleção retomar seu protagonismo existe, é real, mas o acaso de um novo resultado negativo não pode atrapalhar o trabalho de renovação ou maquiar um ciclo coerente. Para a última dança de Marta, quem escolhe o ritmo da música é uma nova geração que sonha dar a ela o tão almejado troféu de campeã do mundo.

Nycole, Rafaelle, Antônia e Gabi Nunes: do quarteto, só a segunda já jogou um mundial

A CANARINHO NAS COPAS

O ESCRETE CHEGOU À FINAL APENAS UMA VEZ, EM 2007, E DEIXOU O TÍTULO ESCAPAR

1991 Na primeira edição, na China, estreia com eliminação logo na fase de grupos

1995 Já com Formiga, nova decepção e desclassificação novamente na primeira fase

1999 Primeira grande campanha e terceiro lugar na Copa dos Estados Unidos

2003 Estreia de Marta e eliminação nas quartas, para a Suécia

2007 Com a geração de ouro, chega à final, mas perde o título para a Alemanha

2011 Queda nas quartas, para os Estados Unidos, e início do declínio

2015 Pela primeira vez, eliminação nas oitavas de final, contra a Austrália

2019 Nova eliminação nas oitavas, dessa vez com a França como algoz

“QUEREMOS GANHAR PELA MARTA”

AOS 29 ANOS, BIA ZANERATTO FARÁ SUA PRIMEIRA COPA COMO TITULAR, CASO VOLTE 100% DE LESÃO – E DIZ QUE É POSSÍVEL CONQUISTAR A INÉDITA TAÇA **Bianca Molina**

Com a seleção brasileira, Bia Zaneratto já ganhou a Copa América de 2018 e a de 2022. Atuando por clubes, venceu a Libertadores em 2010 (pelo Santos) e em 2022 (pelo Palmeiras). É considerada a principal jogadora do Verdão atualmente e sabe que o maior desafio da carreira é levar o Brasil à conquista da Copa do Mundo – em sua quarta participação pelo escrete em Mundiais.

Como a seleção chega a este Mundial? Forte. Estamos no caminho certo, preparadas para brigar pelo título inédito. Essa reta final com os dois últimos amistosos deu ainda mais esperança para nós. Há mais motivação para ir em busca da tão sonhada taça.
A vitória sobre a Alemanha e o empate com a Inglaterra aumentaram a confiança? Foi muito importante ter esses dois amistosos de grande qualidade, com grandes equipes. Ficamos motivadas e a Pia [Sundhage, técnica do Brasil] também gostou bastante da resposta que demos em campo [empate por 1 a 1 com as inglesas, seguido de derrota nos pênaltis na Finalíssima, e vitória por 2 a 1 sobre as alemãs].
E quais são as principais adversárias do Brasil pelo título? Creio que os Estados Unidos, que estão sempre brigando. A Alemanha também vem muito forte, a França... São grandes seleções que, com certeza, vão dar muito trabalho. Acho que há muito equilíbrio.
De que forma a mescla de idades que há hoje na seleção pode fortalecer o grupo? Fico muito feliz de fazer parte desses dois ciclos, de estar agora no meio do caminho junto com essa geração que vem mostrando cada vez mais sua força. Isso tem dado muito certo, e a gente espera que agora, nesse momento crucial que é a Copa, possamos cada vez mais estar unidas. Estamos focadas no mesmo objetivo: conquistar esse título tão sonhado.
Como você chega fisicamente? E mentalmente? Mais madura. Vivi vários momentos para que hoje estivesse na melhor fase da carreira. Vai ser a Copa mais vista da história. Pela repercussão que vem tendo, pela visibilidade que vem ganhando, sabemos que todos os olhares vão estar voltados para a competição.
O Mundial de 2019 foi um divisor de águas para o futebol feminino. O que vislumbra para o de 2023? Um marco de modo geral, no mundo todo. Acho que agora o mundo olha para o futebol feminino de outra forma. Somos muito mais reconhecidas do que naquela época. Sair na rua e as pessoas saberem quem você é mostra que todos estão vendo e gostando.
Qual é a importância de ainda contar com a Marta no grupo? Acima de tudo, ela tem um coração gigantesco, é humana. Não à toa foi por seis vezes eleita a melhor do mundo. É por tudo o que faz dentro de campo, pela forma como abraça a equipe e como agrega para que a modalidade esteja unida. Nesse momento, o grupo precisa muito dela e, mais do que isso, acho que todas nós vamos fazer de tudo para tentar conquistar essa Copa por ela. A Marta já falou por diversas vezes que trocaria todos os títulos individuais por um Mundial. A gente fala muito sobre isso, sobre presenteá-la e coroar a carreira brilhante dela com essa taça.

A atacante: 38 gols com a amarelinha, mas ainda sem balançar as redes em Mundiais

TESTE DE FOGO

A seleção encara logo na primeira fase a França, responsável pela eliminação canarinho há quatro anos. Nesta edição, por lesão, a equipe não contará com a goleira Lorena e com a atacante Ludmila, ambas titulares. Em compensação, tem surpresas chamadas de última hora, como as experientes Bárbara, Mônica Hickman e a atacante Andressa Alves. O time chega embalado pelo título invicto da Copa América e também por bons resultados em amistosos: venceu Noruega e Alemanha.

O DESTAQUE

DEBINHA

Aos 31 anos, a atacante vive o auge na seleção. Principal artilheira da "era Pia", com 29 gols, foi referência do país na conquista da última Copa América, na Colômbia. Pela boa temporada na MLS, terminou na sexta posição no prêmio da Fifa de melhores do mundo. Atualmente, atua pelo Kansas City.

BEST PHOTO AGENCY

A JUVENTUDE

GEYSE

Titular do Barcelona, chega embalada por excelentes temporadas no futebol espanhol. Na última delas, marcou cinco vezes na conquista da Liga dos Campeões. Aos 25 anos, pode atuar em diversas posições do ataque. Na seleção, foi convocada pela primeira vez em 2016. Soma cinco gols em 36 jogos com a amarelinha.

BEST PHOTO AGENCY

AS ARTILHEIRAS (ALÉM DA RAINHA)

CRISTIANE	SISSI	KÁTIA CILENE	PRETINHA	ROSANA
11 gols	7 gols	6 gols	5 gols	3 gols

TIME-BASE: 4-4-2

Bia Zaneratto, Debinha
Geyse, Adriana
Kerolin, Ary Borges
Tamires, Antônia
Kathellen Sousa, Rafaelle
Leticia Izidoro

RANKING DA FIFA

8º

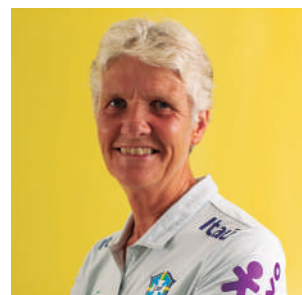
OS CONFRONTOS DA 1ª FASE

PANAMÁ
24/7, segunda-feira, 8h

FRANÇA
29/7, sábado, 7h

JAMAICA
2/8, quarta-feira, 7h

PALPITE PLACAR
PODE SURPREENDER

BEST PHOTO AGENCY

PIA SUNDHAGE (SUÉCIA)

13/2/1960 (63 ANOS)

Contratada em julho de 2019, a técnica sueca terá seu segundo grande teste à frente da seleção. Na Olimpíada de Tóquio, caiu precocemente para o Canadá, ainda nas oitavas de final, mas conseguiu se recuperar ao engatar dez partidas de invencibilidade – incluindo a conquista da Copa América. Tem aproveitamento superior a 70% e testou mais de 90 jogadoras no período.

DE OLHO NELAS

JOVENS E TALENTOSAS, ELAS PROMETEM SER AS GRANDES REVELAÇÕES DO TORNEIO. TE CUIDA, BRASIL

Maria Fernanda Lemos

Até dois anos atrás, Paralluelo conciliava e acumulava títulos no futebol e no atletismo, mas no ano passado (quando recebeu o convite para atuar pelo principal clube da modalidade, o Barcelona) abdicou da carreira como velocista para focar nos gramados. A atacante de 1,74 metro de altura se destaca atuando pelos lados do campo e chama atenção, claro, pela velocidade e pelo faro de gol. Ela foi a grande heroína da Espanha na conquista da Copa do Mundo Sub-20 no ano passado, ao marcar dois gols na vitória por 3 a 1 na final contra o Japão. Ela já tem no currículo os títulos do Campeonato Europeu e da Copa do Mundo Sub-17. Agora pode levar a seleção principal à inédita conquista do Mundial.

ATACANTE
13/11/2003 (19 ANOS)

SALMA PARALLUELO

FIFA

FIFA

ALYSSA THOMPSON
ATACANTE, 7/11/2004 (18 ANOS)

Em outubro passado, Alyssa se tornou a jogadora mais jovem a estrear pela seleção americana principal, aos 17 anos e 344 dias. Entrou em campo no fim de um amistoso, substituindo a craque Megan Rapinoe. A jovem atacante, estrela do Angel City, tem por enquanto poucos jogos por seu país (apenas três) e ainda não balançou as redes, mas garantiu vaga na Copa em meio às lesões de veteranas e após brilhar na base.

FIFA

AOBA FUJINO
ATACANTE, 27/1/2004 (19 ANOS)

A habilidosa meio-campista foi um dos destaques da seleção japonesa sub-20 vice-campeã da Copa do Mundo em 2022. Jogadora de classe e camisa 10, ela nasceu na capital japonesa e é formada pelas categorias de base do Tokyo Verdy Beleza, seu atual clube e pelo qual estreou no profissional aos 17 anos. Já soma nove jogos pela seleção principal e aos poucos vem ganhando espaço. É a esperança de um futuro brilhante na Terra do Sol Nascente.

FIFA

JULE BRAND
ATACANTE, 16/10/2002 (20 ANOS)

Jule passou por todas as categorias de base da seleção até chegar à principal, aos 18 anos. Na Eurocopa do ano passado, foi titular da equipe que terminou no segundo lugar. A atacante vencedora do prêmio Golden Girl (de melhor atleta até os 21 anos) também pode atuar como meia e se destaca justamente pela polivalência. Foi vice-campeã da Champions pelo Wolfsburg e contribuiu com uma assistência na semifinal.

GETTY IMAGES

LAUREN JAMES
ATACANTE, 29/9/2001 (21 ANOS)

A atacante faz parte de uma família ligada ao futebol. O irmão mais velho, Reece James, também joga no Chelsea e na seleção inglesa, enquanto o pai, Nigel James, é treinador de categorias de base. Lauren é centroavante daquelas com faro de gol apurado. São 38 gols em poucos anos como profissional. Na ausência da craque Beth Mead na Copa, ela é esperança de bolas na rede da atual campeã europeia.

FIFA

LINDA CAICEDO
ATACANTE, 22/2/2005 (18 ANOS)

Imagine ser artilheira e campeã do profissional com apenas 14 anos. Foi o que aconteceu com a atacante colombiana no América de Cali, em 2019. Linda é tida como a futura craque do futebol feminino. Não à toa foi eleita a melhor jogadora da Copa América no ano passado com a seleção da Colômbia, desbancando grandes nomes do torneio. A atacante, que aos 15 anos superou um câncer no ovário, aos 18 é a principal estrela do poderoso Real Madrid.

GETTY IMAGES

VICKI BECHO
ATACANTE, 3/10/2003 (19 ANOS)

Fã assumida de Cristiano Ronaldo, a jogadora francesa se inspira no astro português para brilhar em campo. Tem cinco gols em dez jogos pela seleção sub-19 e disputou torneios com as equipes sub-17 e sub-20. Formada nas categorias de base do PSG, foi adquirida pelo rival Lyon, onde já balançou as redes três vezes e contribuiu com quatro assistências durante a temporada.

AS CRAQUES HISTÓRICAS

PIONEIRAS, ARTILHEIRAS, RECORDISTAS... OS MUNDIAIS, DEFINITIVAMENTE, NÃO SERIAM OS MESMOS SEM ELAS

Bianca Molina e Klaus Richmond

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

Marta fará sua provável última dança em Mundiais

MARTA

ATACANTE | EM ATIVIDADE
ATUA DESDE 2000

5 COPAS
20 JOGOS
17 GOLS
0 TÍTULO

A MAIORAL

Foi tardio, só em 17 de setembro de 2021 e após mais de duas décadas de carreira como profissional, que a CBF reconheceu pela primeira vez os números oficiais de sua Rainha: 116 gols em 171 jogos. Faltavam registros antigos, justificava a entidade. Puro protocolo só para dizer aquilo que todos já sabiam: Marta Vieira da Silva é a maior artilheira da história da seleção brasileira – entre homens e mulheres. Não é Pelé. Não é Neymar. Sem comparações, mas ninguém balançou mais as redes do que ela com a amarelinha. A conta atualizada é de 122 gols em 182 partidas. Marta é uma máquina de bater recordes. Maior artilheira da história das Copas (também entre homens e mulheres), com 17 gols. Maior vencedora de prêmios individuais de melhor do mundo – seis vezes, cinco de forma consecutiva. Maior nome de sua geração. Falta a ela, somente, o maior título de todos: o da Copa do Mundo. Vice-campeã em 2007, ela tentará, como Messi no Catar, fazer justiça à própria história. Curiosamente, na maior edição de todos os tempos. Mesmo que não consiga, algo é certo: ela seguirá a maioral. A Marta o que é de Marta.

4 COPAS
23 JOGOS
8 GOLS
2 TÍTULOS 1991 E 1999

MIA HAMM

Craque americana ganhou as primeiras duas edições do prêmio da Fifa

ATACANTE | APOSENTADA
ATUOU DE 1987 A 2004

Considerada por anos como a melhor jogadora americana de todos os tempos, Hamm estreou pela seleção em 1987, com 15 anos. Conquistou dois títulos mundiais e dois ouros olímpicos. Foi eleita a melhor do mundo em duas oportunidades: 2001 e 2002. Até 2013, detinha o recorde de gols por uma seleção, 158 em 276 jogos. Aposentou-se em 2004, aos 32 anos.

5 COPAS
25 JOGOS
14 GOLS
1 TÍTULO 2015

ABBY WAMBACH

ATACANTE | APOSENTADA
ATUOU DE 2002 A 2015

Melhor do mundo em 2012, Wambach também é parte do orgulho norte-americano. Disputou quatro Mundiais, três deles como principal artilheira da seleção, mas só conquistou o sonhado título na última participação, em 2015, quase no último ato de sua carreira. Aposentou-se com 184 gols em 255 jogos, a segunda maior artilheira de todas as seleções - e como uma grande carrasca do Brasil

2 COPAS
9 JOGOS
7 GOLS
0 TÍTULO

SISSI

MEIA-ATACANTE | APOSENTADA
ATUOU DE 1995 A 2009

Considerada uma das pioneiras da modalidade no país. Atuou por anos como amadora até o início da era profissional, em 1995, ano em que jogou seu primeiro Mundial. O ápice veio só em 1999, nos Estados Unidos. A camisa 10 marcou sete gols naquela Copa, terminando como artilheira e segunda melhor jogadora da competição, em que o Brasil ficou em terceiro lugar.

5 COPAS
24 JOGOS
14 GOLS
2 TÍTULOS 2003 E 2007

BIRGIT PRINZ

ATACANTE | APOSENTADA
ATUOU DE 1992 A 2011

Principal rival de Marta nas disputas do prêmio de melhor do mundo, tendo vencido o troféu em duas de cinco ocasiões, estreou por seu país aos 16 anos, em 1994. Levou a seleção a dois títulos mundiais, anotando nada menos que 14 de seus 128 gols. Faturou ainda cinco Eurocopas, além de três medalhas de bronze em Olimpíadas.

4 COPAS
20 JOGOS
11 GOLS
0 TÍTULO

SUN WEN

ATACANTE | APOSENTADA
ATUOU DE 1989 A 2006

Referência no país, a atacante bateu por duas vezes na trave na tentativa de conquistar um grande título. Em 1999, conduziu a seleção até a decisão do Mundial, mas acabou sucumbindo para os Estados Unidos, nos pênaltis. Terminou como a melhor jogadora e artilheira, com sete gols, ao lado de Sissi. Marcou 106 vezes em 152 jogos.

FOTOS GETTY IMAGES E FIFA

7 COPAS
27 JOGOS
2 GOLS
0 TÍTULO

FORMIGA

VOLANTE | EM ATIVIDADE
ATUA DESDE 1993

Uma lenda, uma colecionadora de recordes. É a jogadora que mais atuou em Mundiais – sete vezes –, além de ter estado presente em sete Olimpíadas. Também é a mais velha a entrar em campo em uma Copa do Mundo – tinha 41 anos no evento de 2019 – e a marcar um gol, na edição de 2015, com 37 anos, três meses e seis dias. Conquistou o vice-campeonato em 2007.

5 COPAS
21 JOGOS
10 GOLS
0 TÍTULO

CHRISTINE SINCLAIR

ATACANTE | EM ATIVIDADE
ATUA DESDE 2001

Maior goleadora entre seleções da história do futebol feminino, atualmente com 190 gols, Sinclair disputará a sexta e provável última Copa da carreira. Em Tóquio, conduziu o Canadá ao inédito ouro olímpico na modalidade e preferiu adiar o adeus do país que defende desde 2001. No último ano, recebeu honraria da Fifa pela marca histórica.

5 COPAS
17 JOGOS
10 GOLS SOFRIDOS
2 TÍTULOS 2003 E 2007

NADINE ANGERER

GOLEIRA | APOSENTADA
ATUOU DE 1995 A 2021

Estreou pela seleção em 1996, mas precisou esperar longos anos na reserva de Silke Rottenberg. Virou titular só no Mundial de 2007, e logo fez história ao terminar o torneio sem sofrer nenhum gol, incluindo a defesa de um pênalti batido por Marta na final. Virou capitã após a aposentadoria de Birgit Prinz. Conquistou ainda três Euros, sendo uma como camisa 1.

3 COPAS
17 JOGOS
9 GOLS
2 TÍTULOS 2015 E 2019

MEGAN RAPINOE

ATACANTE | EM ATIVIDADE
ATUA DESDE 2006

Campeã olímpica em 2012 e das Copas de 2015 e 2019, além de melhor do mundo em 2019, Rapinoe conseguiu fazer de seus feitos fora dos gramados algo comparável à sua performance com a bola nos pés. Ativista na luta por causas sociais e defesa da comunidade LGBTQIA+, fará provavelmente sua despedida em Mundiais. Há quatro anos, foi artilheira e Bola de Ouro.

6 COPAS
24 JOGOS
8 GOLS
1 TÍTULO 2011

HOMARE SAWA

MEIA | APOSENTADA
ATUOU DE 1991 A 2015

Protagonista no título mundial conquistado pelo Japão em 2011, Sawa é a maior lenda da modalidade no país. Eleita a craque daquela Copa, da qual foi também a artilheira, com cinco gols, ganhou ainda o prêmio de melhor do mundo um ano depois, desbancando Marta e Wambach – até hoje, é a única asiática a alcançar o feito. Marcou 83 gols em 205 jogos pela seleção.

3 COPAS
17 JOGOS
12 GOLS SOFRIDOS
1 TÍTULO 2015

HOPE SOLO

GOLEIRA | APOSENTADA
ATUOU DE 1999 A 2016

Campeã mundial em 2015, Solo teve carreira estelar, mas controversa por polêmicas extracampo. Foi convocada pela primeira vez em 2000, com 19 anos, e virou titular cinco anos depois. Eleita a melhor goleira da Copa de 2011, levou também a Bola de Bronze daquela competição. Pelo país, conquistou dois títulos olímpicos, em 2008 e 2012.

4 COPAS
25 JOGOS
10 GOLS
2 TÍTULOS 2015 E 2019

CARLI LLOYD

MEIA-ATACANTE | EM ATIVIDADE
ATUA DESDE 1999

Camisa 10 de chute potente, Lloyd é um dos nomes de peso da história da modalidade. Duas vezes eleita melhor do mundo, marcou "o gol que Pelé não fez" na final da Copa de 2015, diante do Japão, selando uma atuação de gala naquela decisão. Aposentou-se da seleção em 2021, após os Jogos Olímpicos, com 134 gols marcados em 316 jogos.

3 COPAS
13 JOGOS
12 GOLS
2 TÍTULOS 1991 E 1999

MICHELLE AKERS

MEIA-ATACANTE | APOSENTADA
ATUOU DE 1985 A 2000

Considerada pela Fifa, em 2000, como a melhor jogadora do século XX – prêmio que dividiu com a chinesa Sun Wen –, marcou dez gols logo na primeira Copa da história, em 1991, conduzindo os Estados Unidos ao título. Ainda faturou o Mundial de 1999 e uma Olimpíada. É a quarta maior artilheira de Copas, com 12 gols. Fez 105 pela seleção.

4 COPAS
22 JOGOS
9 GOLS
1 TÍTULO 1995

HEGE RIISE

MEIA | APOSENTADA
ATUOU DE 1989 A 2006

Estreou pelo país em 1990, com 20 anos. De participação tímida no primeiro Mundial, em 1991, virou peça fundamental para o festejado título da Copa de 1995, com cinco gols, e terminou eleita a melhor jogadora do torneio. Ainda faturou o ouro olímpico em 2000. Aposentou-se da seleção quatro anos depois, com 58 gols em 188 jogos.

SEGURANÇA SOB AS TRAVES

CONHEÇA AS CINCO MELHORES GOLEIRAS DA COPA, QUE AJUDAM A DERRUBAR O PRECONCEITO EM RELAÇÃO À POSIÇÃO E PROVAM QUE O GOL NÃO É GRANDE DEMAIS PARA ELAS

Enrico Benevenutti

Esqueça esse papo furado de que o gol é muito grande para elas. Ou que é necessário ajustar o tamanho das traves. Esse discurso não cola mais. Quem fica entre as traves pode ser tão decisiva quanto a centroavante do lado oposto. As goleiras que hoje defendem o arco de 7,32 metros de largura por 2,44 metros de altura sobram em competência técnica, tática e mesmo física. A posição que mais sofreu preconceito no futebol feminino é também a que mais evoluiu para viver seu apogeu na Austrália e Nova Zelândia. Confira quem são as cinco principais goleiras desta Copa do Mundo.

FIFA

MARY EARPS

Atual melhor goleira do mundo, dona do prêmio Fifa The Best, a inglesa Mary Earps ascendeu de maneira meteórica para se tornar a grande referência da posição. Há quatro anos, na última Copa do Mundo, era somente a terceira opção da Inglaterra. Nas eliminatórias, Earps não sofreu um único gol em dez jogos. Foi destaque no título da Euro e na Finalíssima e deve repetir o bom desempenho no Mundial.

A seleção da Alemanha chega bem servida de goleiras. Enquanto a experiente Ann-Katrin Berger esquenta o banco, Merle Frohms é a dona da posição. A goleira de 28 anos tinha sido reserva na última Copa do Mundo e esperou pacientemente pela sua vez. Além disso, a alemã vive a melhor fase da carreira e foi vice-campeã da Champions League pelo Wolfsburg.

MERLE FROHMS

FIFA

Sandra Paños é símbolo de uma geração multicampeã do Barcelona, mas que não conseguiu replicar o sucesso na seleção espanhola. Experiente, a goleira de 30 anos vai para sua terceira Copa do Mundo – a segunda como titular – e vive um processo de transição. Revezou a titularidade ao longo do ciclo e tudo indica ser a última oportunidade de conquistar um título com La Roja.

SANDRA PAÑOS

FIFA

FIFA

KAILEN SHERIDAN

A seleção canadense foi medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Tóquio, há dois anos. O título fechou o ciclo da histórica goleira Stephanie Labbé na equipe nacional e liberou espaço para Kailen Sheridan finalmente brilhar. Entre as traves, com a camisa da seleção, Sheridan é um paredão: em 35 jogos, ela conseguiu sair dezessete vezes sem ser vazada.

GETTY IMAGES

PAULINE PEYRAUD-MAGNIN

Com uma carreira sólida em diferentes ligas da Europa, a francesa Pauline Peyraud-Magnin tem uma galeria de títulos invejável. Desde sua estreia no Lyon, em 2012, até a atual passagem pela Juventus, Peyraud-Magnin coleciona conquistas nas ligas francesa, inglesa, espanhola e italiana, mas a seleção francesa ainda é uma pedra no sapato: sua única conquista foi a Euro Sub-17 de 2009.

RECORDES FUTEBOL CLUBE

Guilherme Azevedo

FIFA

GOLS EM COPAS SUCESSIVAS

MARTA E CHRISTINE SINCLAIR, do Canadá

5 mundiais

As duas marcaram nas Copas de 2003, 2007, 2011, 2015 e 2019. O legal da história: ambas estão na disputa deste ano.

QUEM MAIS VENCEU

ESTADOS UNIDOS

4 vezes

Resumo da ópera: em metade dos torneios a taça ficou com as americanas – em 1991, 1999 (foto), 2015 e 2019. Em 2011, foram vice. A terceira posição lhes coube em 1995, 2003 e 2007.

GETTY IMAGES

FIFA

A MAIOR GOLEADORA

MARTA

17 gols

A rainha brasileira marcou três em 2003, sete em 2007, quatro em 2011, um em 2015 e dois em 2019. Agora, aos 37 anos, a camisa 10 pode se isolar ainda mais como artilheira em Copas.

GETTY IMAGES

A SELEÇÃO QUE MAIS MARCOU

ESTADOS UNIDOS

138 gols

As americanas ainda registram a maior goleada – 13 a 0 contra a Tailândia, em 2019 (foto) – e a maior artilheira de uma única edição, Michelle Akers, com dez gols na Copa de 1991.

A JOGADORA MAIS LONGEVA

FORMIGA, do Brasil
7 Copas seguidas

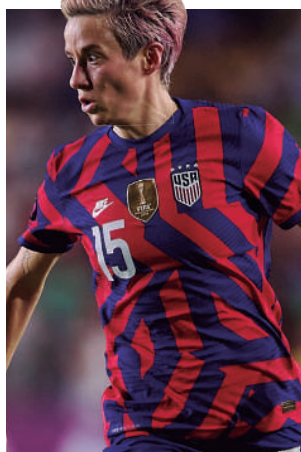
A histórica meio-campista infelizmente não estará na Austrália e Nova Zelândia. Ela tem outros dois recordes: a mais velha a entrar em campo (41 anos e 112 dias) e a mais velha a balançar as redes (37 anos e 98 dias). A última marca, porém, pode ser batida por Marta e Sinclair, agora em 2023.

THAIS MAGALHÃES/CBF

MAIS FINAIS DISPUTADAS

ALEX MORGAN E **MEGAN RAPINOE**, dos Estados Unidos

3 finais

A dupla está empatada com as conterrâneas Carli Lloyd, Ali Krieger e Tobin Heat e com a alemã Birgit Prinz, que não disputarão o torneio de julho e agosto deste ano. Caminho aberto para as americanas.

FIFA

A MAIOR INVENCIBILIDADE

ESTADOS UNIDOS

17 partidas

Elas venceram todos os jogos do Mundial de 2019. O último empate aconteceu em 2015 e a última derrota, lá em 2011.

E UM DESTAQUE ESPECIAL PARA...

... KRISTINE LILLY

Não tem pra ninguém. A meia-atacante dos Estados Unidos fez história nos anos 1990 e 2000 e é dona de várias marcas duradouras: é quem mais jogou (30 partidas), mais fez jogos de mata-mata (15), mais venceu (24) e mais minutos esteve em campo (2 537).

GETTY IMAGES

UM QUEBRA-CABEÇA DE MAIS DE 100 ANOS

Algumas pistas nos permitem afirmar que, já no início do século XX, meninas e mulheres do Brasil jogavam futebol. Graças à preservação de jornais e revistas ilustradas da época, hoje podemos afirmar que, a despeito de o futebol ter sido um esporte introduzido por e para homens, em meio às frestas, elas sempre jogaram.

Aira F. Bonfim

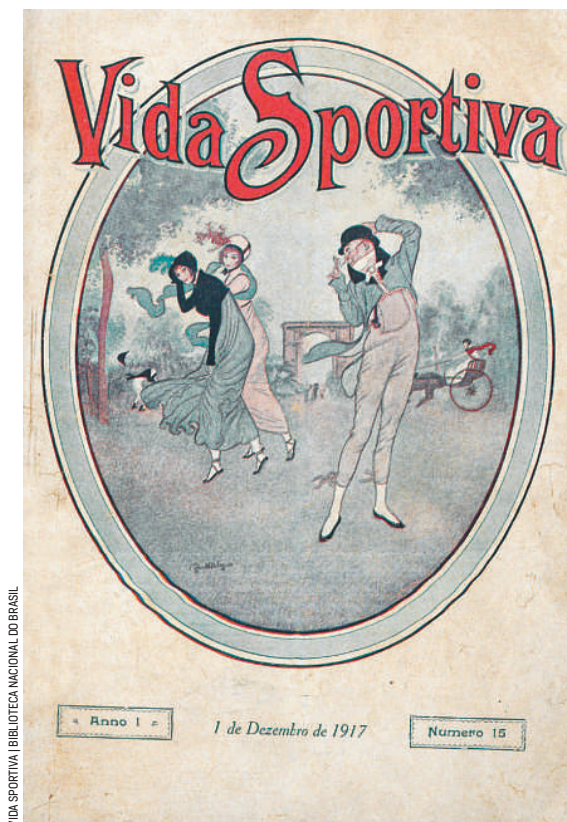
As primeiras experiências boleiras entre garotas foram tratadas pelos cronistas das primeiras décadas de 1900 com pouca importância quando comparadas à quantidade e qualidade descritiva sobre os *matches* masculinos. A falta de oficialidade do futebol feminino nos anos de 1910 a 1940 tirou a legitimidade de algumas narrativas em detrimento de outras sobre a história do futebol. A obediência às regras, o pertencimento às ligas de futebol e os registros oficiais dos clubes são exemplos dos critérios e da organização burocrática que não acolheram o protagonismo das brasileiras desde seus primórdios.

Se hoje refletimos sobre as desigualdades em torno da história do futebol, o caso do futebol de mulheres o é ainda mais. Quando incluímos as brasileiras (afinal elas jogam comprovadamente desde 1915), essas narrativas se fazem ainda mais fragmentadas e, por isso mesmo, o tempo todo negociadas. Com episódios espontâneos, desvinculados das principais ligas e campeonatos que envolveram o futebol masculino em ascensão na mesma época, o futebol feminino encontrou os próprios caminhos para existir, resistir e desmitificar uma certa apatia vinculada ao público feminino que já acompanhava as programações esportivas bem de perto naqueles anos.

Jogadoras do ABC Football Clube e do Centro Sportivo Natalense em 1920: antes do prélio da liga potiguar

INSTITUTO TAVARES DE LYRA (RN)

VIDA SPORTIVA | BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

Vida Sportiva
« Anno I »
1 de Dezembro de 1917
Numero 15

Vida Sportiva
« Anno I »
5 de Janeiro de 1918
Numero 20

Capas com representações de mulheres nas edições da revista Vida Sportiva de 1917 e 1918: atributos de delicadeza e futilidades

Ainda hoje, organizações internacionais e federações nacionais de futebol justificam sua negligência em relação às mulheres atletas com base numa suposta falta de tradição no esporte. Essas instituições retratam-nas como recém-chegadas, mas seria a história do futebol feminino tão recente assim no Brasil?

Mesmo que a prática esportiva feminina não fosse uma novidade do início do século XX, a época marcou a maior ocupação dos espaços públicos e, consequentemente, o aumento das tensões sociais nos ambientes e nas atividades esportivas consideradas majoritariamente masculinas. Em meio às programações que envolviam as elites social e econômica da época, mulheres jogavam golfe, corrida, tênis... mas não eram convidadas a praticar o futebol, algo estimulado aos garotos do mesmo circuito social.

A ausência de imagens sobre o futebol feminino tornou invisível e naturalizou por muitas décadas um certo distanciamento entre o futebol e as brasileiras. Enquanto alguns jornais e revistas do início do século passado buscavam associar a aparência de mulheres esportistas a atributos de delicadeza, beleza e frivolidades, acervos fotográficos como o da coleção do Instituto Tavares de Lyra (RN) e registros da revista carioca Vida Sportiva ilustraram garotas jogadoras reais – e nem tão graciosas assim.

O olhar marrento, os corpos fardados e os braços cruzados são pistas visuais oferecidas por esses acervos que nos ajudam a pensar as formas de apropriação prática do futebol pelas brasileiras das primeiras décadas do século XX. O exemplo aqui escolhido refere-se às fontes disponíveis sobre as equipes femininas de futebol do estado do Rio Grande do Norte e que circularam pela imprensa brasileira entre os anos de 1918 e 1920.

Em março de 1920 o semanário Vida Sportiva, responsável pela divulgação de notícias esportivas dos mais longínquos estados do Brasil, revelaria na sua capa a foto do ABC Football Club, time de futebol feminino da cidade de Natal, e curiosamente associado à Liga de Desportos Terrestres na mesma época. A foto da capa refere-se a um campeonato de futebol feminino realizado no sítio Senegal, residência do Coronel Joaquim Manoel Teixeira de Moura, o Quincas Moura. Tratava-se, de acordo com a mesma revista, de um prélio perdido de 12 a 0 pelo ABC F.C. (capa) contra o *scratch* feminino do Centro

Sportivo Natalense, outro clube pertencente à liga potiguar.

O pioneirismo e a raridade visual, bem como a evidência histórica de um futebol praticado por elas, são confirmações relevantes, principalmente quando levamos em conta que na mesma época tal modalidade só crescia e se popularizava em todos os estados. Trata-se, inclusive, das imagens mais antigas de brasileiras jogadoras de que se tem notícia.

Por anos, tanto a imprensa esportiva contemporânea como pesquisadores e instituições reiteraram um episódio paulistano de 1921, entre as "senhoritas" dos bairros do Tremembé e da Cantareira, como um marco inaugural de moças jogando bola no Brasil. No entanto, apesar de existirem novas confirmações de episódios isolados entre meninas, antes e depois de 1921, o futebol feminino, como modalidade esportiva e competitiva, só se desenvolveria oficialmente sob a vigilância das entidades esportivas brasileiras a partir de 1983, ano da tardia regulamentação desse futebol. Ou seja, tudo que aconteceu antes da década de 1980 ficou por anos num limbo histórico e recebeu pouca atenção dos memorialistas do esporte.

A diminuição da incidência de notícias sobre o futebol feminino nos jornais e revistas também foi afetada pelo Decreto-Lei nº 3.199, outorgado pelo presidente Getúlio Vargas, em 1941. Esse decreto, que durou até 1979 e foi criado com o objetivo de disciplinar o desporto nacional, se encarregou de indicar as diretrizes para o desenvolvimento esportivo no país. Um único parágrafo foi responsável por oficializar a proibição de algumas práticas esportivas para mulheres – e, entre elas, todas as formas de jogar futebol. Tal medida se justificaria a partir da ideia de preservação do corpo feminino – portador de uma pretensa "natureza frágil", enquanto o esporte bretão era reconhecidamente tratado como "violento".

Apesar desse atraso, não é possível desqualificar todas as iniciativas, tentativas e episódios ocorridos antes de 1983 e simplesmente desconsiderá-los e apagá-los da história. A difusão das iniciativas de futebol entre brasileiras e estrangeiras data de mais de cem anos. A despeito da sua não oficialidade junto às ligas e entidades esportivas masculinas, é evidente que mulheres entraram em campo, e isso, por si só, já configura um fato histórico.

Futebol feminino de Natal na capa da revista Vida Sportiva em 1920: *team* de respeito (à esq.)

Notícia sobre a equipe feminina do Centro Sportivo Natalense em maio de 1920: "gracioso" (à dir.)

Vida Sportiva

ANNO IV N. 134

Team feminino do A. B. C. Football Club, de Natal, Rio Grande do Norte

Rio de Janeiro 20 de Março de 1920

Football feminino em Natal

O gracioso «team» "Assis Baudeira" do Centro Sportivo Natalense, campeão feminino de Natal, estado do Rio Grande do Norte, que acaba de vencer o A. B C. F. C. pelo elevado «score» de 12 x 0.

A proxima regata

Encontra-se em estudos nas mãos dos membros da commissão technica da Federação do Remo, o bem confeccionado projecto de inscripção para a primeira regata de 1920 que, promovida pelo veterano Club de Regatas Icarahy, será effectuada em 20 de junho na enseada de Botafogo.

VIDA SPORTIVA | BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

Diferentemente das experiências iniciadoras do futebol masculino no país, a exemplo de Charles Miller, em São Paulo, e outros entusiastas do esporte bretão inglês, como Thomas Donohue (Bangu Athletic Club) e Oscar Cox (Fluminense Football Club), as iniciações femininas nesse esporte aproximam-se mais de brincadeiras vividas entre as crianças, presenciadas principalmente nas ruas, escolas, igrejas, clubes e nas periferias das festividades esportivas.

Meses antes da divulgação da capa feminina na Vida Sportiva, a revista afirmou que a cidade do Natal podia gabar-se de ter sido a primeira do Brasil a criar agremiações esportivas "de elementos exclusivamente femininos". Décadas mais tarde, o protagonismo nordestino se revelaria ainda mais promissor ao identificar a volante da equipe do Centro Sportivo Natalense como sendo Jandira Carvalho de Oliveira Café (1904-1989), esposa de João Fernandes Campos Café Filho e primeira-dama do Brasil.

A novidade do futebol feminino potiguar revelado pelo semanário Vida Sportiva, órgão oficial dos cronistas esportivos do Rio de Janeiro, já havia antecipado o tema em sua capa de um mês antes, em 21 de fevereiro de 1920, quando escolheu a ilustração de uma jogadora de futebol vestida com o uniforme do Botafogo Futebol Clube, do Rio de Janeiro.

O escudo da ilustração de uma jogadora sugere a composição de letras que o clube carioca usava antes da fusão com o Clube de Regatas Botafogo. Não se conhece nenhuma performance pública de mulheres jogando bola no clube do Botafogo nessa época, no entanto, o mesmo não se pode dizer de outros conhecidos clubes cariocas, como o Villa Isabel F.C. (1915), o Progresso F.C. (1919), o C.R. Flamengo (1919) e o River S.C. (1919), que já indicavam a exibição de equipes mistas ou de meninas contra meninos nas suas festividades esportivas.

Depois de alguns meses da publicação das capas da revista Vida Sportiva retratando o futebol feminino no Brasil em 1920, novas evidências de iniciativas autônomas de meninas torcedoras são reveladas no Rio de Janeiro, como foi o caso dos clubes Helios (1920), C.R. Vasco da Gama (1923), S.C. Celeste (1923) e São Cristóvão A.C. (1929). Mas vale sempre reforçar: a formação dos times femininos que vestiram esses escudos conhecidos foram iniciativas das próprias meninas e não de seus dirigentes.

O futebol feminino francês, exposto nas revistas Le Miroir (1920) e Le Petit Journal (1923)

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE

VIDA SPORTIVA | BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

VIDA SPORTIVA

MATCH DE FOOTBALL FEMININO ENTRE A FRANÇA E INGLATERRA

A França e Inglaterra após varios embates de *football* resolveram medir as suas forças por meio de dois conjuntos femininos.

No campo do Chelsea F. C., em Londres, encontraram-se um conjunto feminino francez e outro inglez. A victoria coube ao combinado francez por 2 a 0.

Ao alto - O juiz tira o *toss*. Ao fundo — A multidão que assistiu ao jogo. A esquerda - As duas *captains*, senhorinhas Macgnemond e Kell. Uma defesa da *keeper* franceza.

REVISTA DA SEMANA | BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

O team de Eva

A investida das capas com mulheres esportistas insere-se num contexto de divulgação de crônicas que incentivaram a prática dos esportes entre as brasileiras pela revista Vida Sportiva. Textos com títulos sugestivos como: "Por que não se incita o sexo frágil a praticar os sports?" (1918), "a mulher nos sports", "a saúde e a belleza da mulher pela cultura physica", "o dever physico da mulher moderna", todas de 1920, exemplificam o tom da campanha empreendida por esse veículo de imprensa da época.

Vale destacar que o ano de 1920 também marcou a profusão de torneios de futebol feminino na Europa. Só na França, no mesmo ano, estima-se que em torno de 150 grupos jogaram bola. Anos antes, também havia sido fundada a Fédération des Sociétés Féminines Sportives.

A parceria europeia resultou no primeiro jogo internacional feminino entre Inglaterra e França, em Preston, com 25 mil espectadores em 1920. A partida feminina entre França e Inglaterra, em julho de 1920, ganhou uma página inteira da revista brasileira Vida Sportiva. Esse episódio ocorreu no campo do Chelsea F.C. e a publicação trouxe imagens das capitãs Macgnemond e Kell, assim como uma defesa da goleira da equipe francesa do Fémina Sport e uma cena da partida de futebol que confirma a presença de um árbitro homem na ocasião.

O debate público sobre o papel das mulheres na sociedade foi veiculado pela imprensa brasileira, não sem reforçar estereótipos sobre elas. Revistas como a Vida Sportiva serviram – e ainda servem – como subsídio documental para a pesquisa e o debate acerca das tensões constantes entre a "adequação" e a "subversão" das mulheres que praticaram o futebol no Brasil e no mundo.

Ao ocupar um território originalmente masculino e novos espaços públicos, as mulheres que jogaram futebol foram, em grande medida, refletindo as lutas e as reivindicações femininas de cada época. Algo que, em passos lentos, ajudou a ampliar as possibilidades de participação social e suas próprias escolhas de vida.

Conhecer outras narrativas em disputa pela memória do futebol é, portanto, um processo de autoconhecimento e de reencontro com experiências individuais e coletivas. Marcadas pelas desigualdades de diferentes contextos de lazer, diversão e socialização no Brasil, a história dos esportes é uma oportunidade de construirmos ambientes mais inclusivos e narrativas mais plurais. ■

Jogadoras inglesas e francesas: página inteira de Vida Sportiva em julho de 1920 (à esq.)

O time de Eva: jogadoras do Sport Club Feminino Vasco da Gama, de 1923 (à dir.)

AIRA F. BONFIM
é historiadora do esporte, cocuradora do Museu do Futebol e autora do livro *Futebol Feminino no Brasil*: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915–1941), lançado em 2023.

MUSEU DO FUTEBOL

MINA BOLEIRA

Clélia Marques Gorski

O texto a seguir foi o vencedor do 2º Concurso de Crônicas do Museu do Futebol em parceria com PLACAR. O tema: Mulheres e o futebol.

Olho pra ela feliz da vida com a compra que ela mesma acabara de fazer, a passagem para a Austrália para assistir à Copa do Mundo de Futebol Feminino, e logo penso na final do Campeonato Paulista de 1995: por que afinal não comprei a camisa do Corinthians pra ela também, além de ter comprado para seu irmão? O Corinthians venceu, mas eu perdi uma chance clara de gol com a minha filha...

São paixões de torcedores! Ainda bem que aquela pisada de bola não tirou minha filha das arquibancadas. E olha que hoje ela é uma mina boleira de fins de semana e quem fica na arquibancada sou eu quando ela joga.

Pois bem... Estou agora num verdadeiro tapete verde pra jogar uma boa partida com minha filha e eu não posso perder esse lance de jeito nenhum: pergunto se já tem a camisa oficial da nossa seleção feminina e ela, sem pipocar, responde de pronto: "Ainda não, mãe!".

Pensei em fazer cera para valorizar ainda mais o passe, mas não a ponto de levar à prorrogação: agora era a hora de colocar em jogo meu esquema tático de pedido de desculpas.

Estávamos com o estádio vazio, só eu e ela, e tudo o que eu queria era vê-la ainda mais feliz, deixando pra trás de uma vez aquela imagem dela chorando por não ter a camisa do seu time do coração pra comemorar.

Então, na dividida entre apostar que ela iria adorar receber a camisa de presente ou temer que ela lembrasse daquela comemoração na final de 1995 e marcasse penalidade máxima, fiquei eu como uma pipoqueira, pensando no melhor drible da situação.

Minha filha é craque: no futebol e na vida! Logo percebeu que eu estava fazendo firula e já isolou a bola: "Vou tirar meu time de campo, mãe, já é tarde".

E me deu um beijo de despedida.

Ora, essa! Não podia perder a oportunidade por W.O., até porque nós duas jogamos no mesmo time!

Então, quando ela se virou em direção à porta, matei no peito e mandei de bicicleta: "Eu vou te dar de presente a camisa oficial da seleção feminina, filha!".

De imediato, ela se virou de volta em minha direção, colocou sua mochila no chão e tirou de lá um papel. Levantou, caminhou até mim e falou enquanto me entregava o bilhete: "Mas vai ter que comprar mais uma camisa... e pra você, mãe! Porque este papel que acabei de lhe dar é a sua passagem pra ir assistir à Copa do Mundo de Futebol Feminino na Austrália comigo!".

"Foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa", num jogo de ganha-ganha, daqueles pra se comemorar a vida inteira. Afinal, a bola entrou onde a coruja faz o ninho e, neste caso, o tirambaço acertou meu coração! ■

BRUNA MURARO

Então, quando ela se virou em direção à porta, matei no peito e mandei de bicicleta: “Eu vou te dar de presente a camisa oficial da seleção feminina, filha!”.

Na foto: a cena histórica do menino que, na Olimpíada do Rio, em 2016, riscou o nome de Neymar para escrever, à mão, o de Marta

MATTHEW SHIRTS

FEMINISMO DE RESULTADOS

A exposição é bacana. Mas o que me emocionou mesmo foi assistir às reações das crianças, que lá estavam em visita escolar. Enchiam a sala com a efervescência de quem tem 11 ou 12 anos de idade em passeio coletivo."

Sempre que tenho motivo, dou um pulo no Museu de Futebol, aqui em São Paulo. Para quem não sabe, fica dentro do estádio do Pacaembu, embaixo da arquibancada. Na última vez levei um estudante de pós-graduação em história do Brasil, americano, dos Estados Unidos, Alex, e sua mulher, Adrianne, e lá encontramos uma pequena e bonita exposição sobre a história do futebol feminino, com destaque para a seleção canarinho.

A exposição é bacana. Mas o que me emocionou mesmo foi assistir às reações das crianças, que lá estavam em visita escolar. Enchiam a sala com a efervescência de quem tem 11 ou 12 anos de idade em passeio coletivo. Garotos e garotas disputavam um lugar em frente às telas e comentavam aos berros cada gol. Naquele da Marta de 2007, no qual ela dá um drible da vaca numa primeira defensora dos EUA, finta a segunda e bate sem chances para a goleira, a garotada foi à loucura. No meio da gritaria ouvi um moleque se gabar, até, de ter marcado um tento "quase igual" na quadra da escola.

Rainhas de Copas, no Museu do Futebol, debaixo da mítica arquibancada do Pacaembu, em São Paulo: homenagem a uma história que precisava ser contada

CIETE SILVÉRIO/MUSEU DO FUTEBOL

Os mais jovens talvez não entendam a minha comoção. É que até há pouco o futebol feminino não gozava desse prestígio todo. Aliás, poucos sabem que o futebol feminino, pelo menos o oficial, foi proibido durante décadas em diversos países no século 20. Segundo Artur de Abreu Magalhães, no Brasil, foi uma partida amistosa entre dois clubes do subúrbio carioca, no próprio estádio do Pacaembu, recém-inaugurado, em 1940, que gerou grande polêmica e levou "setores conservadores" da sociedade, e parte da imprensa, a exigir de Getúlio Vargas a proibição do esporte entre mulheres – o que acabou acontecendo no ano seguinte. A revogação só veio em 1979 e "a prática só voltou realmente à legalidade em 1983".

Mas o futebol feminino oficial não foi proibido só no Brasil. De acordo com o Girls Soccer Network, a crescente popularidade do futebol feminino entre 1881 e 1920, e sobretudo durante a Primeira Guerra Mundial, quando muitos homens jovens estavam nos campos de batalha, gerou ciúme no Football Association e levou países como Inglaterra, Alemanha, Escócia, Espanha e França a criar obstáculos à participação de mulheres no jogo. Os cartolas argumentavam que a prática do futebol entre mulheres era "antinatural" e até as impedia "de ter filhos". É provável, diga-se, que houvesse ali também uma disputa por dinheiro.

Durante minha visita ao museu descobri, ainda, uma explicação para uma dúvida de longa data: como se explica a qualidade da seleção feminina dos EUA, quatro vezes campeã do mundo, diante da falta de tradição da equipe masculina? A resposta? Uma lei de 1972, chamada "Title IX", que proibiu a discriminição, inclusive financeira, entre gêneros, nas escolas e universidades daquele país, onde se praticam esportes para valer. O resultado foi uma explosão de talento feminino, sobretudo no basquete e no futebol.

Pelo jeito, o feminismo funciona. ■

Matthew Shirts é jornalista e escritor. Nascido e criado nos EUA, vive no Brasil há décadas. É cocriador do site Fervuranoclima e editor no World Observatory of Human Affairs.

SAVE THE DATE

MARVEL

S.T.O.R.E

EM BREVE 2023

PARQUE D. PEDRO SHOPPING - CAMPINAS

BY GRUPO DREAM

LOJASDREAM.COM

O Camarote Placar está na área!

Lá no Allianz Parque sua empresa tem o mando de campo.

No Camarote Placar no Allianz Parque você é o anfitrião. Convide seus parceiros de negócios, clientes e colaboradores, e marque um gol de placa!

Fale com nosso time executivo:
camarote@placar.com.br
11 91782-7003

CAMAROTE PLACAR

PLACAR